

Centro Universitário de Brasília- UniCeub

FACES- Faculdade de Ciências da Educação e da Saúde

Curso de Psicologia

Wanessa Muniz Silva Barros

**O PRECONCEITO E SUAS IMPLICAÇÕES PRÁTICAS NA ESCOLA E  
A ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO NESTE CONTEXTO**

Brasília,

Dezembro de 2012

Centro Universitário de Brasília- UniCeub

FACES- Faculdade de Ciências da Educação e da Saúde

Curso de Psicologia

Wanessa Muniz Silva Barros

**O PRECONCEITO E SUAS IMPLICAÇÕES PRÁTICAS NA ESCOLA E  
A ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO NESTE CONTEXTO**

Monografia de Conclusão de Curso elaborada sob  
a orientação da Professora Doutora Ana Flávia do  
Amaral Madureira, do curso de Psicologia do  
UniCeub.

Brasília,

Dezembro de 2012

**Wanessa Muniz Silva Barros**

**O PRECONCEITO E SUAS IMPLICAÇÕES PRÁTICAS NA ESCOLA E  
A ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO NESTE CONTEXTO**

Monografia apresentada ao UniCEUB – Centro  
Universitário de Brasília como requisito para  
obtenção do grau de Psicólogo da Faculdade de  
Ciências da Educação e Saúde.

Brasília, Dezembro de 2012

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Dra. Ana Flavia do Amaral Madureira

Orientadora

---

Profa. Dra. Luciana Campolina

---

Profa. Marília Jácome

## **DEDICATÓRIA**

Dedico esta produção primeiramente aos meus familiares os quais me apoiaram em todas as decisões por mim tomadas, e em momentos difíceis enfrentados no decorrer do curso. A todos/as companheiros de turma que estiveram sempre ao meu lado em momentos maravilhosos, de compartilhamento de idéias e produções acadêmicas, como também em momentos de dificuldades, acolhendo-me com muita paciência, carinho e compreensão a todos os meus questionamentos.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço em primeiro lugar ao meu Deus, o qual acredito fielmente que toda a inspiração, motivação, provisão e força surgiram Dele, e é por Ele que consegui chegar onde cheguei. É no Senhor que irei buscar crescer cada dia mais em conhecimento para esta profissão.

A minha família, em especial, minha mãe Alcineide Muniz e o meu pai Silvio Barros, que desde o princípio, acolheram minha escolha e lutaram com todas as forças possíveis para me manter financeiramente neste curso. A única coisa que sei é que valeu muito a pena ter o incentivo dos meus pais.

Agradeço aos meus amigos e companheiros de jornada, Aline Moura, Christiano Asano, Lorena Costa, Roberto, Suelene Ribeiro e Rafael Bianco, os quais fizeram dos meus dias mais simples e divertidos. Vocês me fizeram acreditar que é feliz aquele que tem um amigo com quem se pode contar e que existem amigos mais chegados que irmãos. E sabem do que mais, amigos se escolhe, assim como também somos escolhidos. Fico muito feliz de ter sido escolhida por vocês também, sou eternamente grata pelo amor e carinho de vocês comigo.

Agradeço aos professores Rodrigo Baquero e Izane Menezes pelo apoio e assistência no trabalho de monitoria, onde permaneci por aproximadamente um ano sobre suas supervisões. Foi um período em que aprendi e me desenvolvi muito profissionalmente, pois surgiam sempre situações que exigiam de mim autonomia e responsabilidade, e isto é fundamental para um psicólogo. Obrigada pelo incentivo, apoio e todo acolhimento que recebi, em especial da professora Izane, que se demonstrou muito atenciosa e parceira em momentos difíceis que enfrentei nesse trabalho, como quando eu precisei sair da monitoria,

recebi todo o suporte necessário e incentivo a continuar em outros trabalhos. Acredito que esta experiência me auxiliou na minha desenvoltura e confiança em meus potenciais, que serão essenciais para minha vida daqui por diante.

Agradeço à professora Tânia Inessa, por ter me supervisionado e confiado no meu trabalho quando estive vinculada ao seu projeto de extensão em saúde mental, o qual permaneci por aproximadamente um ano. Foram momentos de aprendizado e desenvolvimento de um olhar mais sensível para as necessidades humanas. Agradeço pela compreensão e toda a atenção dada no desenvolvimento das atividades propostas.

Em especial, gostaria de agradecer a minha orientadora, supervisora e parceira, Professora-Doutora Ana Flávia do Amaral Madureira, que com muita paciência e dedicação, ao extremo, co-construiu tal estudo comigo. Foram muitos encontros de muita reflexão e incentivo para que tal trabalho fosse concluído. Tudo com muita organização e cuidado. Isso para uma orientanda é fundamental.

*“Somos todos um-sendo individualmente únicos”.*

*(Valsiner,2007).*

## SUMÁRIO

DEDICATÓRIA .....	iv
AGRADECIMENTOS.....	v
SUMÁRIO .....	ii
RESUMO .....	iv
INTRODUÇÃO .....	1
OBJETIVO.....	5
OBJETIVO GERAL .....	5
OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	5
CAPÍTULO 1: A RELAÇÃO PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO.....	6
1.1. A PSICOLOGIA ESCOLAR NA CONTEMPORENEIDADE E AS CONTRIBUIÇÕES PARA O ESPAÇO EDUCACIONAL.....	8
1.2. A IDENTIDADE DO PSICÓLOGO ESCOLAR E O SEU PAPEL NA ATUALIDADE...	13
CAPÍTULO 2: A CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES SOCIAIS .....	18
2.1. O PRECONCEITO E AS PRÁTICAS DISCRIMINATÓRIAS NA ESCOLA. ....	22
2.2. AS IMPLICAÇÕES DAS QUESTÕES DE GÊNERO E ORIENTAÇÃO SEXUAL NA REPRODUÇÃO DE PRECONCEITOS NO ESPAÇO ESCOLAR: A PROMOÇÃO DE UMA CULTURA DE PAZ .....	26
METODOLOGIA .....	31
PARTICIPANTES .....	32
LOCAL .....	33
MATERIAIS E INSTRUMENTOS.....	33
PROCEDIMENTO DE CONSTRUÇÃO DE DADOS .....	33
PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DOS DADOS .....	34
RESULTADOS E DISCUSSÃO .....	36
A IMPORTÂNCIA DO PAPEL DO PROFESSOR/A A PARTIR DA PERSPECTIVA DOS PRÓPRIOS PROFESSORES/AS. ....	36



ESTRATÉGIAS PARA O ENFRENTAMENTO DO PRECONCEITO POR PARTE DOS/AS PROFESSORES/AS. ....	40
O QUE PODE FAZER UM PSICÓLOGO ESCOLAR NA VISÃO DOS PROFESSORES/AS.....	45
O POSICIONAMENTO DOS/AS PROFESSORAS FRENTE AO PRECONCEITO A PARTIR DA APRESENTAÇÃO DE IMAGENS.....	51
CONCLUSÃO .....	54
REFERÊNCIAS .....	58
ANEXO 1: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) .....	65
ANEXO 2: ROTEIRO DE ENTREVISTA.....	68
ANEXO 3: IMAGENS SELECIONADAS .....	69
ANEXO 4: TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS REALIZADAS COM OS/AS PROFESSORAS .....	71
ANEXO 5: TERMO DE APROVAÇÃO DE PESQUISA POR PARTE DO CEP-UNICEUB.....	117

## **RESUMO**

Com base na perspectiva histórico-cultural, este trabalho aborda questões relacionadas à temática do preconceito e das práticas discriminatórias no ambiente escolar, envolvendo as possibilidades de atuação do psicólogo/a nesse contexto. O objetivo desta pesquisa é analisar como tem sido trabalhada a temática do preconceito em sala de aula e as possibilidades de atuação do/a psicólogo/a na escola a partir da percepção dos/as professores/as de uma escola pública do Distrito Federal. Foi realizada uma pesquisa qualitativa, envolvendo entrevistas individuais semiestruturadas com apresentação de imagens selecionadas previamente, realizadas com três professores e duas professoras da escola. O estudo indicou a importância de reconhecer o professor como agente de mudança e transformação do espaço de sala de aula, sendo fundamental no processo de reprodução ou enfrentamento de preconceitos a partir de estratégias pessoais e pedagógicas. Tais estratégias são construídas a partir de vivências pessoais e de situações diversas no cotidiano de sala de aula. O estudo indicou também um desconhecimento dos professores em relação à atuação do psicólogo escolar.

Palavras Chaves: Preconceito, Psicologia Escolar, Identidade.

## INTRODUÇÃO

As instituições sociais, tais como a família, a igreja, a mídia e a escola têm como função estabelecida socialmente transmitir conhecimentos, crenças, normas e valores para as novas gerações. Isto se dá a partir do fornecimento de mecanismos de acesso à cultura, pois é a partir da cultura que tais conhecimentos, normas e valores são construídos (Martínez, 2007; Carrara, 2009).

Segundo Gomes (2007), “as metas da educação visam a formação integral dos educandos, através da assimilação e desenvolvimento de conhecimentos e habilidades, assim como do alcance do desenvolvimento de valores, atitudes entre outros elementos” (p. 52). Portanto, analisar a educação em um sentido amplo nos remete ao sistema social e cultural de uma determinada sociedade. O que implica dizer que é através da educação que os indivíduos adquirem conhecimentos e a noção de cidadania, reconhecendo os seus direitos e deveres, como também o respeito ao ser humano e aos diferentes (Martínez, 2007; Del Prette, 2007, Carrara, 2009).

A nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a LDB de 1996, apresenta em seu conteúdo a crença nas potencialidades e no desenvolvimento não somente do aluno como também de todo o corpo institucional. No que tange ao aluno, a LDB visa, através de um processo educativo de qualidade, o desenvolvimento da “autonomia e da reflexão, articulados aos objetivos educacionais de cada instituição, juntamente com o projeto pedagógico”, o qual é construído na escola juntamente com a comunidade, envolvendo assim todos os agentes educativos responsáveis pela escola (Del Prette, 2007, p. 13)

A nova LDB apresenta uma concepção de educação que “inclui os processos formativos que ocorrem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições

de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais” (Dell Prette, 2007, p. 14). Tendo em vista essa concepção, a nova lei reconhece outros espaços sociais como educativos que não só o escolar, ou seja, espaços diferentes do formal, como também o contexto familiar, a mídia, enfim, todo o meio social em que o aluno está inserido (Del Prette, 2007).

Cabe ressaltar que, no ambiente escolar, conflitos relacionados às questões de classes sociais, de gênero ou de orientação sexual têm sido comuns entre os seus atores sociais. Entretanto, tais diferenças ainda surgem como um fator gerador de conflitos, apresentando-se, na maioria das vezes, disfarçados através de estigmas e preconceitos que se corporificam no espaço escolar (Gaeta, 2003).

Um fator de grande relevância no que diz respeito aos conflitos no espaço escolar é definido através do processo de identificação entre os grupos de pessoas, a um sentimento de pertencimento a um e não pertencimento ao outro. Portanto, as identidades sociais que constituem o sujeito estão subordinadas à alteridade cultural, logo, suas formas de subjetivação do mundo e suas relações com os outros estarão relacionadas com os grupos sociais aos quais os sujeitos fazem parte, ou seja, os processos identitários de tais sujeitos serão constituídos pela diferenciação do outro, ou seja, ao não pertencimento a outro grupo (Perlin, 1998). Os processos identitários são marcados pela diferença simbólica entre os grupos, aquele que for inserido em determinado grupo é excluído em outro, ou seja, a exclusão é trabalhada na lógica do “nós” e “eles”. Nisto estão fundamentadas as práticas sociais (Woodward, 2000).

Myers (1995) afirma que “o que irá definir socialmente quem somos está diretamente relacionado ao que não somos” (p. 359). Portanto, os processos identitários estão relacionados

ao sentimento de pertencimento a determinado grupo chamado “endogrupo” e o sentimento de “não pertencimento” o “eles”, um grupo que as pessoas se percebem como diferentes ou separadas, distintas de seu endogrupo, classifica como “exogrupo”.

O preconceito apresenta-se nas relações cotidianas, na maioria das vezes de forma sutil, tendo como base as relações de poder implicadas na cultura, que abrange as dimensões coletivas, individuais em diferentes níveis, são eles: “macro social” abrangendo a “cultura coletiva”, “interpsicológico” (abrangendo a dimensão das interações sociais). Neste sentido, cabe destacar a noção do preconceito numa dimensão relacional. E por fim o nível “intrapicológico (a subjetividade)” (Madureira, 2007, p. 49).

Tendo em vista a noção de preconceito como emergindo a partir de uma construção cultural e histórica sendo de caráter relacional (Madureira, 2007) busca-se investigar no contexto escolar como esses fatores desencadeadores de preconceitos e práticas discriminatórias têm sido difundidos e o qual tem sido o papel e as estratégias das instituições de ensino para prevenção e o enfrentamento destas práticas.

Portanto, o psicólogo poderá contribuir no espaço escolar a partir de uma atuação voltada para a conscientização dos sujeitos no seu espaço e em suas relações, intervindo nos processos que perpassam todo o espaço escolar, assim como na forma do sujeito estar no mundo. Para que se possa ter um maior aprofundamento sobre o tema, utiliza-se também como contribuição, a pesquisa científica, pois tem sido um ótimo instrumento de intervenção em instituições, principalmente nos espaços escolares, a qual tem trazido contribuições importantes na interface entre a psicologia e educação, apresentando o que já tem sido feito nesses contextos como também o que tais pesquisas oferecem como sugestões para o aprofundamento de futuras pesquisas no campo educacional (Marinho-Araújo, 2010).

O psicólogo inserido na escola necessita se conscientizar do seu papel em cada instituição, levando em consideração a atuação contextualizada e política. Gomes (2007) apresenta um desafio: “como estruturar sua contribuição para a Educação utilizando recursos teórico-metodológicos de que dispõe de forma crítica, reflexiva e contextualizada?” (Gomes, 2007, p. 52). Tal questionamento caracteriza-se como um desafio, porque a articulação entre a psicologia e a educação ainda apresenta-se difusa e em construção, assim como a identidade profissional do psicólogo como também o seu papel no contexto escolar.

Atualmente, muitas discussões teórico-metodológicas têm surgido em busca de subsídios que favoreçam a atuação desse profissional na escola, buscando desconstruir a imagem de uma atuação unicamente clínica e terapêutica, reforçando uma noção de psicologia que tenha a sua práxis voltada para a conscientização e sensibilização dos sujeitos assim como de todos os atores do espaço escolar (Dell Prette, 2007; Almeida, 2007; Gomes 2007).

Pode-se dizer que trabalhar questões relacionadas à educação brasileira na contemporaneidade, articulada ao preconceito e a interface com a psicologia escolar é um grande desafio, mas que é essencialmente necessário, tendo em vista a realidade precária em que se encontra a educação em todos os níveis e a desvalorização do ser humano neste espaço.

Acredito ser relevante a realização de tal estudo para o incentivo de trabalhos futuros na área da educação, especificamente, na formação de professores, no que tange às manifestações da violência e do preconceito em vários sentidos, os quais são ocasionados por práticas discriminatórias no espaço escolar e como psicólogo escolar pode contribuir para o aprimoramento de tais relações entre os alunos e professores.

## **OBJETIVOS**

### **OBJETIVO GERAL**

Analisar como a temática do preconceito tem sido trabalhada na escola pelos professores/as.

### **OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- Analisar qual a percepção dos professores sobre os preconceitos (étnicos, de classe, gênero e de orientação sexual).
- Investigar qual a percepção dos professores sobre a atuação do psicólogo no ambiente escolar.

## **CAPÍTULO 1: A RELAÇÃO PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO.**

A partir da década de 1960, em meio a “necessidades educacionais e escolares” (Gomes, 2002, p.49) relacionadas a problemas comportamentais e de aprendizado, surge a Psicologia Escolar, que passa a ser reconhecida como ciência e profissão capaz de abordar de forma geral situações inerentes aos problemas de ensino e aprendizagem do aluno no ambiente escolar. Essa concepção é motivada pela premissa de que o fracasso escolar era algo de ordem individual, ou seja, das dificuldades dos próprios sujeitos e seus familiares na relação com a educação (Cruces, 2006).

A articulação entre a psicologia e a educação no Brasil emerge a partir da necessidade de um profissional especializado que atuasse diretamente nos problemas que surgiam no contexto escolar, tendo em vista o fato de ser o objeto de estudo da psicologia, o próprio ser humano e suas relações com o meio em que vive. Tais problemas passaram a ser trabalhados sobre uma nova ótica, através de um olhar mais próximo em relação às necessidades de desenvolvimento e aprendizagem das crianças no contexto educativo (Netto, 2001).

A atuação do psicólogo na escola encontrava-se neste período, sob a influência das teorias psicológicas do desenvolvimento, da aprendizagem e das disciplinas de avaliação psicológica e psicodiagnóstico, no início da década de sessenta do século passado, que perpetuaram a atuação do psicólogo no espaço escolar. A sua forma de atuação era inspirada no modelo de psicologia meramente tecnicista e adaptacionista, voltada para a manutenção do status quo através do controle de comportamentos e da manutenção da ordem social, à medida que enfocava o “ajustamento” do indivíduo ao meio social e cultural em que estava inserido (Cruces, 2006; Araújo, 2010).



A psicologia escolar surge como uma interface entre a psicologia e a educação e a sua prática tem conquistado gradualmente espaço no ambiente escolar (Martínez, 2010). Em meados do final da década de setenta e início da década de oitenta do século passado, surgiram no Brasil diversas críticas ao modelo de atuação da Psicologia voltada apenas para a resolução de problemas de aprendizagem e culpabilização dos alunos. Tal modelo de atuação influenciou e muito a construção e a consolidação da identidade do psicólogo brasileiro no meio escolar, o que pode demonstrar atualmente a formas com que o psicólogo escolar é visto na escola. Simplesmente como um profissional habilitado para resolver problemas de comportamento dos alunos, ou ainda, meramente qualificado para atuar em problemas cunho social e comportamental (Araújo 2010; Del Prette, 2007).

Cabe ressaltar que os modelos tecnicistas e adaptacionistas de atuação do psicólogo sofreram influências do crescimento do capitalismo no Brasil no final do século passado, e que tais mudanças afetaram diretamente as relações sociais, a economia e a educação do país. Então, coube a psicologia trabalhar aspectos que consolidassem as características do capitalismo e da produção no meio educacional através de técnicas advindas da ciência positivista e da seleção de pessoas para o trabalho, através do critério de aptidão ou inaptidão de crianças no que tange ao aprendizado (Guzzo, Mezzalana, Moreira, Tizzei & Netto, 2010).

Embora esse modelo de atuação tenha vigorado por algumas décadas, o movimento de mudança tanto na configuração das técnicas como no próprio campo de atuação da psicologia e no seu reconhecimento como profissão articulada também a educação, surge a partir da década de noventa e início do novo século, uma nova visão quanto ao modo de atuação na escola. A partir das transformações ocorridas no próprio espaço escolar, nas suas diretrizes para a educação e das influências da psicologia articulada à educação, surge uma nova forma de se compreender educação que vai além da educação formal (Araújo, 2010;

Guzzo, Mezzalira, Moreira, Tizzei & Netto, 2010; Cruces 2006). Logo, Cruces (2006) acrescenta:

(...) a psicologia Escolar, na tentativa de demonstrar que há locais, além da escola, onde as práticas educacionais estão presentes e devem ser trabalhadas e demonstrar que conhecimentos devem se integrar a educação, a fim de conquistar mais qualidade e eficácia, mas que há uma especificidade de trabalho nos meios em que a educação é formal (p. 27).

As contribuições da psicologia escolar para este novo século variam quanto ao seu objeto de estudo, hoje ampliado, que passou a integrar às suas práticas para além dos alunos, abrangendo todo o corpo institucional, incluindo a comunidade. Tendo em vista que o psicólogo escolar é um profissional da educação e também da saúde, cabe destacar o hibridismo em que se encontra essa atuação, pois além de apresentar um trabalho voltado para questões educacionais, no que tange à aprendizagem também possui como atribuição atrelada ao seu papel a promoção da saúde. Entende-se como promoção da saúde neste espaço, a promoção das qualidades nas relações interpessoais no nível institucional no espaço escolar a partir de uma perspectiva preventiva e relacional de atuação (Araújo & Almeida, 2006).

### **1.1. A Psicologia Escolar na contemporaneidade e as contribuições para o espaço educacional**

escola é uma instituição reconhecida socialmente como responsável pela transmissão de conhecimentos científicos e formais, tendo como objetivo final a formação de cidadãos autônomos, capazes de agir no mundo a partir da atribuição de significados aprendidos socialmente (Del Prette, 2007; Moreira & Câmara, 2008).

Saviani define a existência do espaço escolar “para a aquisição de instrumentos que possibilitam o acesso ao saber elaborado (ciência), bem como o próprio acesso aos

rudimentos desse saber” (Saviani, 2003, p. 15 citado por Facci, 2009, p. 109). Tal instituição de ensino tem articulado ao seu papel social a função de propiciar além do conhecimento sistematizado, a aquisição de habilidades e competências para o trabalho e para a vida em sociedade (Martínez, 2007; Facci, 2009). No que tange a esta visão, o espaço escolar apresenta-se como um locus de produção e reprodução de mecanismos que possibilitam o acesso aos conhecimentos da própria cultura (Carrara, 2009).

De acordo com Saviani (2003 citado por Facci 2009, p. 109), “a escola é responsável pelo processo de humanização dos indivíduos”. Portanto, este espaço apresenta-se como fundamental para os sujeitos no desenvolvimento do seu psiquismo, considerando ser a escola um espaço em que as interações sociais também acontecem. A construção dos significados emerge através do diálogo entre esses sujeitos, o que influencia diretamente na constituição de suas subjetividades (González Rey, 2005).

Entende-se que tal processo de humanização se dá através da educação num sentido amplo da palavra, em que o aprendizado desses conteúdos sistematizados propicia a vida dos sujeitos habilidades e o desenvolvimento de competências para vida em sociedade e para sua vida cotidiana. Considera-se também que além do espaço escolar, podemos contar com outros espaços institucionais que também propiciam tal processo. Cabe ressaltar que todos os espaços podem ser considerados educativos, porém, neste trabalho, enfatiza-se o espaço escolar (Facci, 2009, p. 109; Araújo & Almeida, 2006; Martínez, 2007).

A escola apresenta-se como um espaço propício para que as práticas culturais se mantenham e se perpetuem, tendo em vista o seu caráter dinâmico e complexo. Pode-se afirmar que tal espaço é controverso, pois ao mesmo tempo em que trabalha na reprodução de uma lógica normatizadora e de manutenção do controle social, também é visto como um

espaço contraditório, à medida que permite aos sujeitos através das interações e da reflexão do saber e saber fazer, a possibilidade de modificar a sua realidade através do diálogo e da troca de experiências diárias, favorecendo o desenvolvimento da sua autonomia (Oliveira & Araújo, 2009, Madureira, 2007; Moreira & Câmara, 2008).

Alguns autores apresentam algumas críticas quanto ao espaço escolar, tais como Ivan Illich (1971), Elisabeth Tunes (2001) os quais consideram o espaço escolar como um “reprodutor de ideologias de uma sociedade”, perpetuando a idéia do espaço escolar como propício para a reprodução e manutenção do status quo, ilustrando uma visão de aluno passivo diante do que está sendo ensinado. Tal visão prioriza a educação formal (Gouveia, 2002, p. 27).

Neste cenário globalizado em que a educação escolar vem se construindo atualmente, cabe ressaltar que, nas sociedades capitalistas, o desenvolvimento da economia focada na produção de bens e consumo, tanto de produtos como de conhecimentos tem afetado diretamente a educação escolar, pois até mesmo os currículos se configuram a fim de acompanhar tais mudanças, objetivando o seu foco de ensino para preparação dos alunos para atuarem no mercado de trabalho (Gaeta, 2003).

Tendo em vista este modelo, muitas críticas surgem frente ao cenário educacional, sendo muitas delas direcionadas a uma educação baseada na imposição de conhecimentos unicamente voltados para o mercado de trabalho, o que Tunes (2011) apresenta como a concepção do conhecimento como mercadoria.

Paulo Freire (citado por Guzzo, 2007) apresenta a visão crítica sobre a escola “domesticadora”, em que o aluno vivencia o processo de ensino e aprendizagem sem a possibilidade de haver um espaço para reflexão de forma individual e muito menos um espaço

para uma transformação coletiva. Tal visão caracteriza-se pelo modelo tradicional de educação escolar, baseado na reprodução da cultura vigente e na transmissão unilateral de conhecimentos formais, com ênfase na manutenção do status quo.

O sistema educacional brasileiro atualmente tem sido perpassado por várias mudanças históricas em suas diretrizes, o que evidenciou uma necessidade por parte do sistema educacional de ser modificada. A nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a LDB de 1996, apresenta uma visão de educação que prioriza o aluno em sua totalidade, logo atenta para a crença nas potencialidades e no desenvolvimento de todo o corpo institucional. No que tange ao aluno, a LDB visa através de um processo educativo de qualidade, o desenvolvimento da autonomia e da reflexão, articulados aos objetivos educacionais de cada instituição, sendo um dos objetivos, o de trabalhar a noção de cidadania e o reconhecimento da cultura e da noção de humanização, trabalhando também as diferenças e o “combate a discriminação” (Del Prette, 2007, p. 13).

Conforme as mudanças históricas ocorridas no espaço escolar influenciadas pelo movimento do capitalismo e de suas atribuições para o meio social e as mudanças ocorridas nas diretrizes para a educação, a psicologia escolar apresenta-se atualmente como uma das contribuições importantes para o aprimoramento deste espaço. Tendo em vista o fato de que o esses atores escolares são interpelados por essas mudanças sociais e culturais à todo momento, cabe a educação acompanhá-los nesse trajeto favorecendo-lhes instrumentos para o desenvolvimento de capacidades para “o saber fazer, saber ser, do sentir e do desejar” (Novaes, 2001, p.63).

Diante deste cenário globalizado em que se desenrola a subjetividade desses indivíduos e da complexidade das relações com o meio estabelecido, a psicologia escolar encontra espaço

para se desenvolver como ciência e como profissão voltada para a educação escolar. Baseada num modelo de atuação institucional, preventivo e relacional (Madureira, 2007), com o foco na promoção da saúde, o psicólogo escolar poderá contribuir para que estes sujeitos inseridos no contexto escolar possam compreender melhor a realidade em que estão inseridos e possam criar estratégias de enfrentamento das dificuldades e contradições desse sistema (Gomes, 2007; Cruces, 2006, Novaes, 2001).

A partir deste princípio de promoção da autonomia dos sujeitos frente às mudanças sociais, as formas de atuação do psicólogo escolar se ampliaram, na medida em que, além de auxiliar no processo de otimização do ensino e da aprendizagem dos alunos, destaca-se a sua atuação na forma de consultoria. Intervindo a partir do nível institucional, integrando todos os atores que compõem o espaço escolar, tais como professores, direção, a comunidade, a família, visando fazer um “diagnóstico tanto das situações de institucionais, comunitárias ou individuais envolvidas nos referidos processos de intervenção visando o bom desenrolar do ensino e da aprendizagem escolar e a avaliação de todas essas atividades” (Gomes, 2007, p. 54).

A psicologia inserida no espaço escolar torna-se relevante á medida que há um reconhecimento de seu papel social e do seu reconhecimento como ciência e como profissão habilitada e capacitada para contribuir no aprimoramento das práticas de ensino e aprendizagem assim como as relações interpessoais, institucionais e comunitárias, além de contribuir para mudança e transformação de um espaço favorável para o desenvolvimento da autonomia dos sujeitos (Neves, 2009; Del Prette, 2007).

A dificuldade de inserção da psicologia nos meios educativos se dá pela indefinição de sua própria identidade assim como do seu papel como agente de transformação social. Além

disso, tem sua atuação limitada nestes contextos na maioria das vezes, pela dificuldade de entendimento do seu papel e da necessidade de ser ter um profissional deste inserido na escola, o que é demonstrado a partir de sua exclusão nas despesas educacionais, sendo considerada apenas como profissão voltada para questões de cunho social (Neves, 2009; Del Prette, 2007).

## **1.2. A identidade do Psicólogo Escolar e o seu papel na atualidade.**

A identidade do psicólogo escolar apresenta em sua constituição fortes influências advindas da própria psicologia, desde a seu reconhecimento como ciência e como profissão. As representações sociais construídas em torno do psicólogo escolar surgem a partir de um modelo curativo, sendo visto muitas vezes como um “bombeiro” o que simplesmente “apaga o fogo”, isto, no que diz respeito a problemas comportamentais de alunos em sala de aula. Tais estigmas se perpetuaram em decorrência de sua forma de atuação vigente em cada época (Cruces, 2006; Éfeso, 1998).

Éfeso (1998) ainda destaca que a representação social é entendida como “produto de interação social”, logo, as representações do psicólogo assim como a sua identidade são produtos das relações da profissão com o meio social ao qual está inserida.

Inspirada pelo movimento tecnicista e adaptacionista das décadas de sessenta e setenta, a psicologia escolar buscou integrar as suas práticas aos modelos de intervenção inspirado nos fundamentos da psicometria, da avaliação psicológica, da clínica, entre outras áreas de conhecimento psicológico da época, o que demonstra que essa interface entre a psicologia e a educação além articular as necessidades emergentes do contexto escolar e social, ainda é interpelada pelas influências da prática psicológica da época (Almeida, 2007).

Para se compreender a psicologia escolar e sua prática no espaço da escola, é necessário que se delimite o que lhe é próprio, ou seja, qual é seu espaço de atuação dentro da escola, ou até mesmo se este precisa de um espaço específico para trabalhar, ou se a sua prática se estende para todos os espaços educativos e escolares. Portanto, para que o seu papel dentro da escola seja definido é necessário que as suas contribuições no espaço escolar sejam compreendidas e reconhecidas pelos atores da escola. Para isto, também é necessário que o próprio psicólogo escolar saiba quais as suas atribuições, o seu papel dentro da escola, ou seja, trabalhe em função da consolidação de sua identidade. De Mauro (1990 citado por Gomes 2007) destaca que:

o profissional desta área vem desempenhando uma série de papéis que se vem modificando gradualmente em decorrência do desenvolvimento científico de seu objeto de trabalho e da demanda do ambiente em que está inserido. Estudar as funções e papéis que o psicólogo assume na Educação é uma contribuição importante para a definição da identidade deste profissional na sociedade atual (p.40).

O papel do psicólogo na atual conjuntura encontra-se em um momento de construção, em que seu campo de atuação está se definindo através das suas práticas (Martínez, 2010). As discussões acerca da identidade e do papel do psicólogo escolar são questões permanentes no meio acadêmico, principalmente que diz respeito às questões relacionadas à indefinição desses papéis. Embora seja reconhecida como profissão articulada à educação, ainda se depara com a problemática da indefinição do seu papel na instituição escolar, pois o fato de não ter a clareza por parte das instituições de ensino e também do próprio psicólogo sobre o seu papel, afeta diretamente na sua prática e em suas contribuições para o aprimoramento do contexto educacional (Neves, 2009).



A fragilidade da identidade profissional por parte do psicólogo escolar surge em decorrência de uma atuação inadequada, no sentido de obter sua práxis de forma mal assimilada entre as bases teóricas e metodológicas que o direcionam. Isto contribui para uma prática desvinculada da realidade da escola, de forma descontextualizada e individualista, focada no “problema” do aluno de forma individual (Almeida, 2007).

Alguns autores dissertam a respeito da fragilidade e da indefinição dos papéis do psicólogo na escola, como sendo fruto de uma deficiência em sua formação acadêmica que, por muitos anos, não era área de grande interesse na psicologia. A partir do seu reconhecimento como profissão, a identidade do psicólogo se constituiu a partir de várias mudanças em seu modo de atuação, e hoje, está cada vez mais superando o modelo de atuação profissional remediativo (Cruces, 2006; Del Prette & Del Prette, 2006).

Nota-se que o currículo acadêmico da psicologia baseado em um modelo clínico e psicométrico, reforçava a indefinição da identidade do psicólogo escolar, principalmente no que tange a sua atuação, pois diante das reais demandas que a escola apresenta tais modelos não abrangem as necessidades da escola em sua totalidade, sendo assim relacionado ao seu papel, uma atuação unicamente voltada a problemas de aprendizado e de comportamentos (Del Prette & Del Prette, 2006).

Almeida (2007) afirma que:

tais questões, assimiladas sem nenhuma criticidade, sem levar em conta a diversidade teórica e metodológica da psicologia e o verdadeiro sentido da clínica e do suporte psicológico, levaram os psicólogos que atuam na escola a um maior aprofundamento da crise de sua identidade profissional e a uma perda significativa do seu espaço de atuação (p.84).

A mesma autora ainda destaca que para que estas questões sejam compreendidas, seria necessário uma ressignificação da identidade e do papel desse psicólogo que se habilita a trabalhar na escola. Para que esteja envolvido com as reais necessidades do espaço escolar, considerando-o como dinâmico, complexo e contraditório, enfatizando ainda que este profissional poderá estar inserido em um determinado contexto e em uma determinada realidade a qual não lhe é familiar. Portanto, tal psicólogo deverá se inserir na realidade desta instituição. Para isto, é necessário também que esse profissional se aproprie de um referencial teórico que trabalhe com esta realidade, que leve em conta o indivíduo em relação com seu meio social, não desconsiderando a utilização de suporte teórico e de elementos da clínica, como a escuta e a própria avaliação psicológica, por anos criticados no contexto escolar por envolver uma atuação individualizada dos problemas escolares (Almeida, 2007).

A proposta de se ressignificar a atuação do psicólogo na escola além de envolver a consolidação da identidade e do papel do psicólogo através da definição de seu campo de atuação, visa também envolver o reconhecimento das demais áreas escolares como significativas no processo de ensino e aprendizagem, como também reforça a importância de se considerar a interdisciplinaridade através do trabalho em equipes multiprofissionais. Isto é de grande relevância para o psicólogo escolar inserido na escola, pois, diante das demandas que este espaço oferece, é fundamental que a sua atuação seja compreendida como contribuição, como também, a psicologia escolar seja vista como uma área disposta para a comunicação, o diálogo e comprometida com as melhorias do espaço escolar assim como as demais áreas educacionais (Almeida, 2007; Araújo, 2010; Cruces, 2006).

Considerando que o espaço escolar é dinâmico, complexo, situações de conflitos relacionados à etnia, ao gênero ou de orientação sexual têm sido comuns entre os seus atores sociais. A diferença ainda é considerada como um marcador ou como um fator gerador de

conflitos, no sentido de que, esses marcadores são considerados como construtos sociais, e neles estão implicados relações de poder (Moreira & Câmara, 2008). Sendo assim, tais diferenças apresentam-se na maioria das vezes, disfarçadas através de estigmas e preconceitos que se corporificam no espaço escolar (Gaeta, 2003).

## **CAPÍTULO 2: A CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES SOCIAIS**

A psicologia histórico-cultural apresentada aqui em uma de suas vertentes desenvolvida pelo autor Gonzalez Rey (2005) defende a tese da constituição dos seres humanos e de suas subjetividades partir da relação com o outro e com o seu meio social, considerando o seu caráter ativo, relacional e dialógico, os quais são inseridos em um contexto que é histórico e cultural. Logo esses indivíduos se constituem e reconhecem o seu lugar no mundo, assim como os seus papéis sociais através da relação estabelecida com o outro e entre os grupos sociais aos quais fazem parte (Louro, 2000).

A cultura naturaliza os papéis sociais dos sujeitos inseridos em uma dada sociedade, regendo o que é comum a um povo, assim como devem se relacionar e até mesmo dispõe de padrões comportamentais e valores aos sujeitos. Portanto, ela possui um papel fundamental na constituição integral dos sujeitos como humanos, pois a cultura humaniza os sujeitos (Louro, 2000), além de localizá-los no mundo, aponta como os mesmos devem se portar nele, incentivando, de certa forma, o pensar, o sentir e o agir humano. Logo, ela não apenas o influencia, a cultura o constitui como ser humano e o seu desenvolvimento psicológico (Madureira, 2007; Louro 2000).

A apresentação dos sujeitos ao mundo se dá através das “marcas corpóreas” apresentadas por tais sujeitos, como a cor da sua pele, o cabelo, o formato do rosto, a presença de um pênis ou uma vagina, são exemplos de marcadores construídos culturalmente nas relações entre os sujeitos. Segundo Louro (2000), “através de processos culturais, definimos o que é - ou não- natural; produzimos e transformamos a natureza e a biologia e, conseqüentemente, as tornamos históricas” (p.14). Logo, “os corpos ganham sentido socialmente” (Louro, 2000, p. 11).

No processo de constituição dos sujeitos, a cultura aparece como um marco na construção das identidades assim como os seus papéis, tendo em vista um modelo social naturalizado e padronizado por ela. Logo é no “âmbito da cultura e da história” (Louro, 2000, p. 12) que surgem as identidades sociais dos sujeitos, de diversos tipos, enfatizando que os processos identitários não são fixos e muito menos imutáveis, assim como a cultura também não o é (Moreira & Câmara, 2008; Hall, 2006).

É através da cultura que reconhecemos o outro no mundo e também nos reconhecemos como seres humanos, pois é a partir da disposição dos corpos na cultura que identificamos o que nos é comum e o que se mostra diferente do que somos. As marcas corpóreas tem uma relação com as nossas identidades sociais, pois nos apresentam uma realidade histórica construída sobre o sujeito, ilustrando a classe a qual pertence assim como a sua nacionalidade, o seu gênero e até mesmo a sua orientação sexual. Tudo isso irá ser decifrado pelos artefatos que a cultura nos oferece para lidarmos com o mundo social e suas implicações sobre os corpos (Louro, 2000).

Segundo Myers (1995), as “marcas” corpóreas qualificam, definem ou em algumas situações, generalizam as atitudes e características esperadas socialmente de um determinado grupo ou indivíduo. Tais generalizações correspondem aos estereótipos, ou seja, “imagens negativas ou positivas de uma pessoa direcionada a determinado grupo, ou a imagem que indivíduo apresenta, e que é legitimado pela sociedade a qual faz parte” (p. 346). Tais características nos orientam quanto à forma com que devemos enxergar os indivíduos, ou seja, “aprendemos a classificar os sujeitos pelas formas como eles se apresentam corporalmente, pelos comportamentos e gestos que empregam e pelas várias formas com que se expressa” (Louro, 2000, p. 15). Baseado nesse modelo de classificação, os estereótipos apresentam-se

como guias para nossas atitudes e pensamentos sobre determinado grupo ou pessoa (Amaral, 2002).

Não podemos classificar os sujeitos pelo que eles apresentam corporalmente, isso seria cair num determinismo biológico. Devemos considerar que as identidades desses sujeitos se constituem subordinadas a alteridade cultural (Louro, 2000; Perlin, 1998; Laraia, 2006), ou seja, devemos considerar o que está sendo classificado em determinada cultura sobre a identidade social do sujeito. Louro (2000) acrescenta que “os corpos são significados pela cultura e são, continuamente por ela alterado” (p. 14).

A cultura não é estática, ela está em constante movimento, transformando-se a todo instante, assim como os sujeitos, os quais se relacionam recursivamente, ou seja, ele é modificado pela cultura como, também, contribui para a sua transformação. Considerando que a cultura segue uma lógica própria, que se modifica com o passar do tempo. Isto se explica pelo caráter relacional e dialógico que a perspectiva histórico-cultural nos oferece, pois é através da relação com o outro que os indivíduos obtêm poder para se modificar e modificar ao grupo ou a própria cultura ao qual está inserido (Laraia, 2006; Guareschi, 1996).

No que diz respeito aos processos identitários, nota-se que existe uma relação direta com a cultura a qual o sujeito está inserido, logo o reconhecimento do “outro” será possível através de atributos que a própria cultura irá determinar, como por exemplo, o que é comum a um gênero masculino ou feminino em uma determinada nacionalidade e em uma determinada classe, o que é diferente do que somos (Louro, 2000).

Nota-se que a identidade é marcada pela diferença e se faz necessário delimitar quem faz parte de um determinado grupo social, assim como os papéis que os mesmos exercem dentro do grupo, o “eu” e o “outro”, o “nós” e o “eles”, (Woodward, 2000). Tendo em vista

que a identidade está intimamente relacionada a diferença (Silva 2000 citado por Moreira & Câmara, 2008, p.43) apresenta que “identidade e diferença são inseparáveis”. O que se pode dizer por exemplo, se um grupo é “negro”, logo, não é branco.

Segundo Louro (2004), o ser diferente implica dizer que as “características dos corpos significados como marcas pela cultura distinguem os sujeitos e se constituem como marcas de poder simbólico” (p.24) em que, as desigualdades sociais relativas ao espaço e a posição social que um grupo ocupa impulsiona o exercício das “redes de poder que circulam na sociedade” (p.15), sobre o outro grupo hierarquicamente inferior. A autora ainda acrescenta que essas relações de poder encontram espaços nas sociedades através de construções históricas e culturais em volta dos atributos sociais que um grupo possui sobre o outro, implicando na demarcação de fronteiras simbólicas entre os que enquadram-se na “norma” e os que estão fora desses padrões normais culturalmente estabelecidos (Louro, 2000).

Partindo disso, Hall (2006) descreve a identidade como sendo “formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados e interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (p. 13). A identidade não é algo que se deve analisar fora de um contexto social, pois o mesmo oferece oportunidades de surgirem diversos tipos de identidade.

Segundo Madureira e Branco (2007) os “processos identitários funcionam como coordenadas culturais no processo de constituição da subjetividade, além de posicionar os sujeitos concretos em suas relações com diversos grupos sociais existentes nos contextos culturais em que estão inseridos” (p. 82). Pode-se acrescentar que os processos identificatórios trazem ao sujeito uma orientação de como se relacionar com o mundo em que está inserido.

Ainda sobre os processos identitários, cabe ressaltar que os papéis sociais sinalizam um local de destaque em sua constituição, pois são compreendidos como norteadores culturais para as práticas dos sujeitos no mundo. Segundo Louro (1997), “papéis seriam, basicamente padrões ou regras arbitrárias que uma sociedade estabelece para seus membros, que definem comportamentos e os modos de se relacionar” (p.24). Cabe destacar que, os papéis sociais são construídos historicamente, os quais, desde o nascimento, apresenta aos sujeitos o que é pertinente ao seu gênero, as formas de pensar, de se vestir, e se localizar no mundo até mesmo a sua orientação sexual. Entretanto, a apropriação desses papéis não se dá de forma passiva, considerando que tais sujeitos apresentam-se como participantes ativos no processo de apropriação dos papéis sociais e na construção de suas identidades (Louro, 2000).

## **2.1. O preconceito e as práticas discriminatórias na escola.**

Nos últimos anos, tem-se percebido uma crise de identidade por parte dos sujeitos influenciados pelos desenvolvimentos tecnológicos e pela globalização, estas movimentações fazem emergir novos “padrões identitários” (Moreira & Câmara, 2008, p. 40). Tais identidades acabam sendo contestadas, repensadas, e reafirmadas (Moreira & Câmara, 2008), podendo refletir, tanto no diz respeito ao modo de vestir, falar, do cuidado com o corpo, com a saúde, as formas de pensar e agir no mundo. Tal movimentação implica em promover relações complexas e desiguais, podendo estes sujeitos, se apossarem de comportamentos e atitudes discriminatórios e/ou violentas (Amaral, 2002).

Os padrões de normalidade estabelecidos pela cultura não abarcam e nunca irão abarcar todas as formas de relações existentes no cotidiano. Na tentativa de abarcar tais padrões, comportamentos, atitudes e modos de pensar, tais padrões geram um possível estranhamento, sendo colocados à margem, deslegitimando esses sujeitos e reproduzindo



desigualdades sociais, que podem ser tanto de gênero, sexualidade, classe social quanto de etnia e nacionalidade (Jodelet, 2002).

No tocante às questões de identidade nota-se um movimento de familiarização e aproximação entre os grupos sociais a partir de características semelhantes como nacionalidade, raça, aparência física e comportamental. Partindo desta premissa, é possível destacar que a diferenciação apresenta um papel central na marcação das identidades, e que a “identidade se associa intimamente com a diferença: o que somos se define em relação ao que não somos” (Moreira & Câmara, 2008, p. 43).

Tendo em vista que a identidade e a diferença se inter-relacionam, Jodelet (2002) acrescenta que:

(...) o engajamento e a implicação emocional com relação ao grupo ao qual pertencemos, conduzem a ele investir sua própria identidade. A imagem que temos de nós próprios encontra-se assim ligada àquela que temos do nosso grupo, o que nos conduz a defendermos os valores dele. A proteção do nós incitaria, portanto, a diferenciar e, em seguida, a excluir aqueles que estão nele (p.61).

As desigualdades sociais fomentam o surgimento de preconceitos e práticas discriminatórias as quais envolvem os atores sociais através das relações de poder estabelecidas, de forma hierarquizada ou impositiva, legitimando essas atitudes quando há um grupo majoritário sobre um grupo minoritário (Myers, 1995).

Logo, os preconceitos e as práticas discriminatórias apresentam as suas raízes profundamente implicadas no movimento histórico, sendo culturalmente determinados, tanto em nível coletivo como em um nível individual, levando em consideração que o preconceito perpassa os níveis macro sociais (cultura coletiva), interpsicológico (interações sociais) e o

nível intrapsicológico (a subjetividade dos sujeitos) (Madureira, 2007). Isto se explica pela imersão do sujeito no universo da cultura, o qual se apropria de forma ativa de artefatos que classificam e regem as formas do indivíduo pensar, agir e viver no mundo, assim como também é construída e modificada pelos sujeitos em relação, pois o mesmo possui um papel ativo nessa construção (Laraia, 2006; Louro, 2000).

Os preconceitos são construídos e reforçados cotidianamente nas relações sociais. Itani (1998, p. 125 citada por Madureira, 2007, p. 44) destaca como o preconceito também surge a partir de uma dimensão relacional no sentido de que, é “parte de uma atitude com relação a alguém ou alguma coisa” (p. 44). Tendo em vista tal argumentação, nota-se que os preconceitos se cristalizam nas relações, influenciadas pela história e cultura a qual essas relações de poder e hierarquização ocorrem. Madureira (2007) ainda acrescenta que:

O preconceito e a discriminação apresentam um papel importante na manutenção das relações hierárquicas, na medida em que justificam no cotidiano o espaço de superioridade conferido a determinados grupos sociais em detrimento de outros (p.52).

O preconceito posto em prática, segundo Amaral (2000) implica em “ações e comportamentos discriminatórios, dirigida a um alvo específico (pessoas ou grupos, significativamente diferentes), as quais, se concretizam em relações interpessoais mediadas por estereótipos” (p. 237). Neste sentido, Billing (1987 citado por Jodelet 2002) destaca que “preconceitos e estereótipos se alimentam no discurso social e de sua retórica” (p.64).

Nota-se que os preconceitos e os estereótipos se retroalimentam, no sentido de que é a partir da forma com que um indivíduo se relaciona e percebe o outro nesta relação que se constroem os significados sobre os grupos. Isto implica dizer que o preconceito surge no

cotidiano mediado pela imagem do outro fornecida pelos estereótipos elaborados através das relações estabelecidas com a cultura, num dado momento histórico e numa determinada sociedade (Madureira, 2007).

Segundo Myers (1995), o preconceito pode ser definido como uma avaliação negativa em relação a algum grupo, ou seja, avaliação de um grupo em relação a outro, ou ainda, um apropriar-se de um juízo prévio sobre determinado grupo ou pessoa. O autor afirma que os estereótipos são formas generalizadas de uma pessoa ou grupo ser avaliada ou vista, através de suas características de personalidade ou pelas marcas inscritas em seus corpos. Ainda caracteriza-se pela crença acerca dos atributos pessoais de um grupo que podem ser super generalizadas, imprecisas e resistentes às novas informações.

Jodelet (2002) acrescenta que “os estereótipos de deslegitimação visam a excluir moralmente um grupo do campo de normas e de valores aceitáveis” (p. 64). O que implica dizer que os estereótipos são fundamentais na definição de atos discriminatórios contra o outro, porém vale ressaltar que os estereótipos são construções culturais estabelecidas socialmente, e que nem sempre é considerado como negativo.

Segundo Amaral (2002), estereótipos são “concretizações de nossos conceitos e preconceitos” (p. 238). O que também pode ser classificado pelo autor como sendo “configurações psíquicas consteladas de forma independente de experiências diretas” (p. 238).

O preconceito posto em prática chama-se discriminação, ou como afirma Myers (1995), a discriminação define-se como uma “conduta negativa injustificada feita sobre um grupo ou seus membros” (p.347). O autor ainda acrescenta que a discriminação tem sua fonte, na maioria das vezes, no preconceito ou em atitudes preconceituosas.

Levando em consideração que o preconceito encontra suas bases nas relações cotidianas e que surge a partir de um contexto histórico, cultural nos níveis coletivos e individuais, as instituições sociais dispõem-se como instituições fundamentais na reprodução ou na prevenção de práticas discriminatórias. Pois como afirma Rego (1998 citado por Amaral 2002):

a escola, é então vista como portadora de uma função social porque compartilha com as famílias e educação das crianças e jovens, uma função política, pois contribui para a formação de cidadãos, e uma função pedagógica, na medida em que é o local privilegiado para a transmissão e construção de um conjunto de conhecimentos relevantes e de formas de operar intelectualmente segundo padrões desse contexto social e cultural (p.48).

## **2.2. As implicações das questões de gênero e orientação sexual na reprodução de preconceitos no espaço escolar: a promoção de uma cultura de paz.**

É pertinente mencionar aqui que, gênero e sexo são considerados como conceitos diferentes na visão de alguns teóricos. Gênero, segundo Vianna & Ridenti (1998) é um “conjunto de representações sociais e culturais, valores e atribuições sociais” (p.95) que são dispostos desde o nascimento dos sujeitos dentro de uma cultura. O sexo é atribuído à noção de sexo biológico, no formato anatômico do sujeito (Louro, 2004).

No que tange às ciências sociais, é esperado que as construções sociais em volta dos gêneros e da sexualidade estejam diretamente relacionadas ao sexo anatômico dos sujeitos (Carrara, 2009). Tal premissa refere-se a uma forma de enxergar os sujeitos como fragmentados e determinados biologicamente. Esta visão é facilmente refletida nas desigualdades sociais entre homens e mulheres, que se reflete em atividades, na divisão de trabalho, empregos, salários a propagação de um determinismo biológico que durante muito

tempo regeu as normas sociais, que orientavam as relações entre os gêneros (Vianna & Ridenti, 1998; Louro, 2004; Louro, 2006).

Conforme Louro (2000), “os corpos não são, pois, evidentes como usualmente pensamos. Nem as identidades são em decorrência direta das “evidências dos corpos” (Louro, 2000, p. 15). Isto quer dizer que não existe uma relação direta entre o corpo biológico e a identidade que se constrói na cultura, pois é pela cultura que construímos os padrões de saúde, beleza, o que é masculino e o que é feminino (Louro, 2000).

O conceito de gênero foi construído a partir da necessidade de distinguir o que é biológico do que é construído socialmente, pois, levando em consideração o fato de que, as identidades de gênero se constroem dentro de uma determinada cultura, e que esses sujeitos estão imersos nesse universo cultural, interpelados pelas normas e valores da sociedade, logo, se apropriam de comportamentos, modos de pensar e agir no mundo, assim como os seus papéis sociais, baseado nos fundamentos culturais atrelados ao seu gênero (Carrara, 2009).

Louro (2000) destaca que “as identidades de gênero e sexuais são, portanto compostas e definidas nas relações sociais, elas são, moldadas pelas redes de poder de uma sociedade” (p.11). Evidentemente há na representação das relações de gênero a reprodução das desigualdades, em decorrência da hierarquização do poder, no sentido de que, algumas características atribuídas socialmente aos gêneros demonstram uma forte influência das relações de poder estabelecida entre o gênero masculino sobre o feminino. Tais relações são baseadas na falácia de que, em decorrência do caráter anatômico do homem, definem-se características como força física, capacidade para liderança e criatividade ao gênero masculino, reforçando a tese de que o homem é único capaz de lidar com situações adversas da vida, como a provisão do lar. Assim como características de cuidado da família e dos

filhos, de sensibilidade sejam atributos atrelados ao gênero feminino (Carrara, 2009; Louro, 2000; Amaral, 2002).

Tendo em vista o que foi destacado acima, Tomaz Tadeu da Silva (1998 citado por Louro 2000) acrescenta que:

(...) é através da representação se travam batalhas decisivas de criação e imposição de significados particulares: esse é o campo atravessado pelas relações de poder. O poder define a forma como se processa as representações; as representações, por sua vez, tem efeitos específicos, ligados, sobretudo à produção de identidades culturais e sociais, reforçando, assim, as relações de poder (p.16).

A construção social em volta dos gêneros se desenrola a partir do aprendizado social de comportamentos, modo de se portar e se ver no mundo, o que são regidos pela cultura (Carrara, 2009). A Educação é fundamental para o desenvolvimento desses conceitos, pois a instituição escolar, assim como a família, a mídia, apresenta-se como espaço propício para que tais construções sociais em volta do gênero e da sexualidade possam ser disseminados e também modificados. Tendo em vista que, o espaço escolar é um espaço contraditório, e que ao mesmo tempo em reproduz a ideologia e padrões culturais hegemônicos, é influenciada pelos “modos de pensar e de se relacionar na/da sociedade” (Carrara, 2009, p. 31), também apresenta-se como um espaço de reflexão e favorecimento da autonomia para os sujeitos em torno dos conceitos atribuídos aos gêneros (Madureira, 2007; Oliveira & Araújo, 2009; Moreira & Câmara, 2008).

No processo consolidação da norma vigente, as instituições sociais, em específico a instituição escolar, possuem o papel de fixar o modelo de gênero e sexualidade aos indivíduos, na tentativa de expor o que é pertinente ao gênero masculino e ao feminino na sua

relação com o mundo. Logo, “a escola tem uma tarefa bastante importante e difícil. Ela precisa ser equilibrar sobre um fio muito tênue: de um lado incentivar a sexualidade “normal” e, de outro, simultaneamente, contê-la” (Louro, 2000, p. 26). Diante disto, é pertinente acrescentar que o espaço escolar pode ser considerado como um reprodutor em potencial de preconceitos e estereótipos, os quais são construídos culturalmente em torno dos gêneros e das formas de se vivenciar a sexualidade desde o nascimento dos sujeitos. Pois, a escola contribui para que as relações de poder entre os gêneros masculino e feminino se perpetuem na sociedade e contribua para a reprodução de uma lógica de desigualdades.

Levando em consideração que os gêneros e a sexualidade são construções culturais, Foucault (1988) citado por Louro (2000) discorre que a “sexualidade é um “dispositivo histórico”, ou seja, é uma “invenção social” (p. 11). Analisar as formas de vivenciar a sexualidade entre os sujeitos irá exigir que considere a sua inserção num dado contexto histórico e cultural.

Carrara (2009) reforça que é necessário que os educadores estejam atentos a essa reprodução de comportamentos preconceituosos, os quais podem se refletir em atos discriminatórios. No sentido do preconceito posto em prática, e que a escola precisa ser vista como um espaço que não é neutro nessas construções, pois “a escola necessita identificar o currículo oculto que contribui para a perpetuação dessas relações” (p.50).

A escola, assim como as demais instituições sociais contribui para que os padrões culturais sejam estabelecidos e consolidados nos sujeitos. Nesse sentido, a escola poderá contribuir no favorecimento de um espaço para a reflexão dos sujeitos quanto aos seus papéis sociais e quanto ao outro no mundo, enfocando na valorização da diversidade de gêneros, etnias, classes sociais e orientações sexuais. Impulsionando o desenvolvimento de um senso

crítico, na valorização da diferença e no respeito a elas, a fim de estimular uma cultura democrática voltada para a paz entre os sujeitos (Carrara, 2009).



## METODOLOGIA

Foi utilizado no presente trabalho a metodologia qualitativa fundamentada na proposta da epistemologia qualitativa desenvolvida por Gonzalez Rey (2005), a qual tem seu foco em três pilares básicos. São eles:

- “Processo interpretativo-constutivo” (p.6), que busca compreender o conhecimento como uma construção, uma produção humana, e não como algo que está pronto, dado uma realidade ordenada de acordo com categorias universais do conhecimento.
- “Legitimar o singular como instância de construção de conhecimento” (p.11). Portanto, legitimar o singular como fonte de conhecimento implica considerar a pesquisa como produção teórica, entendendo por teórico, a construção permanente de modelos de inteligibilidade que lhe dêem consistência.
- O terceiro pilar é a “compreensão dialógica” (p.13), em que busca-se compreender a produção do conhecimento nas ciências humanas a partir da comunicação permanente entre o pesquisador e os sujeitos estudados. Portanto, “a comunicação é uma via privilegiada para conhecer as configurações e os processos de sentido subjetivo que caracterizam os sujeitos individuais e que permitem conhecer o modo como as diversas condições objetivas da vida social afetam o homem” (p.13).

Tal epistemologia qualitativa foi escolhida em decorrência da proposta de trabalho a ser executado no contexto escolar, pois fornece subsídios capazes proporcionar o conhecimento das produções humanas nesse contexto a partir de diálogos entre pesquisadora e participantes, através de observações, entrevistas semiestruturadas e a apresentação de

imagens. Logo, por se tratar de um ambiente escolar, tal método possibilitará, a partir dos pilares que orientam esta metodologia, a pesquisadora analisar o fenômeno a ser investigado, o diálogo com a os atores da instituição, e também, com o próprio método (González Rey, 2005).

## **PARTICIPANTES**

Participaram da pesquisa cinco professores/as, sendo três do gênero masculino e duas do gênero feminino, de uma escola Pública de Ensino Médio localizada no Guará II no Distrito Federal. Todos os/as participantes são funcionários da Secretaria da Educação do Distrito Federal, com aproximadamente dez anos de magistério. São eles/as:

- a) Marcos (nome fictício), professor de matemática de turmas do 1º ao 3º do ensino médio.
- b) Luiz (nome fictício), professor da matéria de química de turmas do 1º ao 3º do ensino médio.
- c) Daniel (nome fictício), professor de história da Educação de Jovens e Adultos (EJA).
- d) Marta (nome fictício), professora readaptada que presta serviços para a secretaria da escola.
- e) Rosa (nome fictício), professora readaptada que presta serviços à secretaria da escola.

## **LOCAL**

A pesquisa foi realizada em um Centro de Ensino Médio, localizada no Guará II, Distrito Federal.

## **MATERIAIS E INSTRUMENTOS**

Foram utilizados: um gravador e um roteiro de entrevista para a realização da pesquisa de campo, Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e a apresentação de imagens previamente selecionadas pela pesquisadora.

## **PROCEDIMENTOS DE CONSTRUÇÃO DE DADOS**

No primeiro momento da pesquisa, foram realizadas observações prévias em três dias alternados. Tais observações tiveram como objetivo conhecer o espaço e o ambiente escolar, assim como o seu funcionamento e rotina diária da escola.

Após as observações, foram selecionados/as algumas/uns professores/as de diferentes matérias, os quais ministram suas aulas em turnos diferentes, incluindo professores readaptados e do EJA. Foi apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) que, além de explanar como seria realizada a pesquisa, enfocava algumas questões éticas acerca desta, como o sigilo em relação à identidade pessoal dos participantes, a possibilidade de gravação em áudio. Com a concordância do participante e a chancela de desistência de participação na pesquisa em qualquer momento sem nenhum dano aos participantes.

Tal termo é de garantia tanto para a pesquisadora, quanto para os sujeitos de que as condições da pesquisa foram especificadas e que todos os participantes aceitaram voluntariamente participar desta. Logo após a apresentação e assinatura do TCLE, foram

realizadas as entrevistas. Cada entrevista semiestruturada ocorreu de forma individual, envolvendo a apresentação de imagens.

Os dados foram construídos através de uma entrevista semiestruturada individual, com o uso de imagens previamente selecionadas (Anexo 3). Primeiro, foi apresentado ao professor/a uma sequência de imagens, relacionadas ao tema do preconceito e, em seguida, foi realizada uma entrevista semiestruturada. Segundo Madureira (2008) a utilização de imagens, quando aliada a metodologia qualitativa, “busca estimular a construção de narrativas e argumentações por parte dos participantes” (p. 36). Tendo em vista tal argumentação, entende-se que, ao se apresentar as imagens selecionadas a argumentação dos professores com relação ao tema possa ser estimulada no sentido de incentivar a sua imaginação e construções próprias sobre a realidade e sobre o tema (Vigotski, 2009).

Foram apresentados aos participantes quatro grupos de imagens distintas que focalizavam a temática do preconceito e dos atos discriminatórios, e em seguida foram realizadas as seguintes perguntas:

- a) O que você vê nessa imagem?
- b) Você gosta do que vê ou não? Por quê?

E em seguida, foi realizada a entrevista semiestruturada fundamentada no roteiro de entrevista (Anexo 2) elaborado pela pesquisadora, com cada participante.

## **PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DOS DADOS**

Segundo Gomes (2004) a fase de análise de dados possui três finalidades, são elas: estabelecer compreensão dos dados coletados, confirmar ou não os pressupostos e ampliar o conhecimento sobre o assunto.

Gonzalez Rey (2005) destaca a importância dos indicadores empíricos, os quais auxiliarão a pesquisadora no momento da pesquisa de campo, sendo assim, esses indicadores serão construídos através da interação entre a pesquisadora e o fenômeno, destacando a relação indissociável entre teórico e empírico.

Após a apresentação das imagens selecionadas, e tendo sido realizadas as entrevistas, foram feitas as transcrições, e em seguida, foram levantadas quatro categorias para a análise, as quais estão em acordo com os objetivos propostos pela pesquisa, e pretendem servir como base para o aprofundamento do tema.

As categorias são:

- a) A importância do papel do professor a partir da perspectiva dos próprios professores/as;
- b) Estratégias para o enfrentamento do preconceito por parte dos professores/as;
- c) O que pode fazer um psicólogo escolar na visão dos professores/as;
- d) O posicionamento dos/as professores/as frente o preconceito a partir da apresentação de imagens.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Nesta seção serão apresentados os resultados relativos às entrevistas realizadas com os/as professores/as selecionados/as, que serão articulados as categorias analíticas formuladas pela pesquisadora. O estudo aponta que os profissionais da educação, especificamente o professor, possui um papel fundamental no que diz respeito à produção de conhecimentos juntamente com os alunos. Neste sentido, entende-se que, tal profissional pode ser considerado como fundamental agente de transformação no espaço de sala aula. Sendo, portanto, um mediador de conhecimentos e importante agente criador de estratégias de enfrentamento e eliminação do preconceito. O estudo ainda aponta que tais profissionais desconhecem o modelo de atuação do psicólogo na escola.

### **A importância do papel do professor/a a partir da perspectiva dos/as próprios/as professores/as.**

A apropriação de conhecimentos científicos é intermediada pela educação, como destaca Leontiev (1978 citado por Facci 2009), que a apropriação das produções humanas “dá-se por meio da educação” (p.109). Neste sentido, pode-se destacar o papel fundamental do professor na mediação de conhecimentos no processo de ensino e aprendizagem.

Ao professor cabe o papel de articular conhecimentos científicos e pedagógicos aos conhecimentos cotidianos dos alunos, estimulando à aquisição de significados culturalmente produzidos para que os mesmos possam compreender melhor a sua realidade. Ao se apresentar a importância do papel do professor na educação e no processo de humanização dos sujeitos, torna-se relevante levar em consideração que os mesmos estão inseridos num processo histórico, cultural e social. Portanto, suas práticas serão orientadas a partir da

articulação de conhecimentos próprios da pedagogia e as relações com o seu meio social (Tacca, 2008; Facci, 2009). Partindo dessa premissa, é de fundamental importância que o conteúdo ensinado pelo professor em sala de aula eleve o aluno a “patamares superiores, porque provoca nele uma outra relação com os objetos da realidade” (Facci, 2009, p. 112).

É relevante destacar que o papel do professor na visão dos próprios professores entrevistados encontra-se de acordo com o que Tacca (2008) e Facci (2009) destacam, ao focalizar a importância do papel do professor em sala de aula como um mediador entre o aluno e o conhecimento. O que pode ser ilustrado a partir dos seguintes relatos:

(...) de maneira geral o professor é muito importante para ser o mediador do conhecimento para o aluno né... você tem que entender que você não é o dono do conhecimento, você media o conhecimento...então eu acho interessante você partir do que o aluno sabe e...pralhe...concentrar...da subsussores para que ele possa poder aprender através de mediações, poder, poder ancorar novos conhecimento né...”(Luís, nome fictício).

A noção de mediação apresentada por Facci (2009) acrescenta que:

(...) a mediação do professor, para levar o aluno a ascender do imediato para o mediato, deve ser realizada a partir de ações intencionais, conscientes, dirigidas para o fim específico de propiciar a instrumentalização básica do aluno de modo que ele conheça, de forma crítica, a realidade social e que a partir desse conhecimento, haja a promoção do desenvolvimento individual (p. 113).

Portanto, no processo de ensino e aprendizagem de conhecimento dos alunos, a mediação aparece como fundamental para que tais conhecimentos possam ser transmitidos aos sujeitos. Nesse sentido, Facci (2004 b) apresenta uma visão de que o “professor se

constitui como mediador entre conteúdos já elaborados pelos homens e os alunos, fazendo movimentar as suas funções psicológicas superiores” (Facci, 2009, p. 111).

Na verdade o papel do professor é o de orientador né...transmitir conhecimentos e tentar provocar no aluno um senso critico no aluno, incentivando para a pesquisa, preparando para a vida, para uma profissão né, mas que hoje em dia estamos exercendo mais que isso, estamos sendo mais que isso, somos pais (...) (Marta, nome fictício)

De acordo com os relatos apresentados anteriormente, nota-se que os discursos dos professores estão baseados em um modelo de atuação em sala de aula que busque estimular a prática da pesquisa e da aquisição de conhecimentos para a vida prática dos alunos, favorecendo o desenvolvimento de sua autonomia. Neste sentido, podemos destacar os objetivos do ensino, como afirma Moreira e Câmara (2008), “o fim do ensino é que o/a aluno/a aprenda a atribuir significados e a agir, socialmente, de modo autônomo” (p.39).

Ainda pode-se considerar o professor como um agente responsável para a aquisição de tais conhecimentos por parte dos alunos, estimulando o desenvolvimento de um pensamento crítico, considerando o caráter ativo e não passivo do aluno, inserido numa cultura, envolvido no processo ensino e aprendizagem ( Facci, 2009; Gonzalez Rey, 2005).

Fica evidente no relato do professor Daniel (nome fictício), a sua percepção do papel do professor a partir da ótica de uma pedagogia baseada no que estabelece a nova LDB 1996. Destacando a importância do favorecimento do espaço escolar para o incentivo ao trabalho com o aluno, no sentido de focalizar o seu desenvolvimento, sua autonomia e reflexão diante do que está sendo aprendido (Del Prete, 2007). Portanto, o participante destaca que “eu acho que o papel do professor é fundamental...assim, a gente não tem a pretensão de mudar o mundo...(...) a gente não ensina nada, a gente orienta para que o aluno se desperte mais e



queira aprender”. Fica evidente que o professor Daniel, ao destacar o seu papel como orientador e estimulador do aprendizado do aluno em sala de aula, incentiva-o para o desenvolvimento da sua autonomia e responsabilidade sobre o seu aprendizado, ou seja, cabe ao aluno também o “despertar” pelo aprendizado.

Desta forma, valoriza o papel ativo desse aluno em sala de aula, podendo ser considerado como um professor emancipador, no sentido de favorecer ao aluno um espaço livre para reflexão sobre o que está sendo aprendido e também incentivando o aluno ao desenvolvimento de sua autonomia, no que tange à construção do conhecimento e transformação do mundo social. Penteado e Guzzo (2010 citado por Silveira 2011) apresentam que “é preciso pensar de forma a possibilitar a emancipação do ser humano, objetivando um ser mais criativo e livre, bem como consciente de suas ações e participação na esfera social” (p.1).

No que tange a esta afirmação, o professor apresenta-se como um ator essencial na construção do processo de ensino e aprendizagem como também no processo de humanização dos sujeitos. É o professor o responsável em sala de aula de promover a capacidade do aluno em enxergar a sua realidade de forma crítica e reflexiva, no sentido de que busca investir na instrumentalização dos alunos para interagirem no mundo e assim modificá-lo, promovendo ainda, o seu desenvolvimento psicológico (Facci, 2009).

Tais relatos ainda destacam o papel fundamental que a instituição escolar possui na vida dos alunos, a qual tem articulado ao seu papel social a função de propiciar além do conhecimento sistematizado, a aquisição de habilidades e competências para o trabalho e para a vida em sociedade (Martínez, 2007; Facci, 2009).

### **Estratégias para o enfrentamento do preconceito por parte dos/as professores/as.**

O professor tem um papel fundamental em sala de aula no que diz respeito à mediação entre o conhecimento e o aluno (Tacca, 2008). Tal profissional pode ser considerado também como um agente estratégico tanto na manutenção como no enfrentamento de práticas discriminatórias e preconceitos em sala de aula (Carrara, 2009). Evidencia-se, nos relatos dos professores entrevistados, algumas estratégias pedagógicas elaboradas e utilizadas em sala de aula, como por exemplo, o favorecimento de um espaço de interação entre os alunos e a separação por grupos não utilizando o critério de afinidade entre os alunos e sim, utiliza-se da formação do grupo aleatoriamente.

Olha eu tento fazer assim, quando eu vou fazer trabalho em grupo, eu sorteio o grupo para eles não ficarem fazendo aquelas panelinhas, e aí quando tem o segundo trabalho eu já mudo a forma de montar os grupos, é separar para eles estarem convivendo se socializando entre eles, porque eu acho que facilita muito o trabalho quando eles já se conhecem, e aí eu faço dessa forma, porque se deixar eles montarem os grupos eles vão com até o fim do ano com o mesmo grupo, não interagindo com as outras. A gente procura estar sempre separando, estar sempre misturando (Marcos, nome fictício).

Nota-se que neste relato, o professor Marcos demonstra compreender a necessidade e a importância da interação entre os alunos como uma forma de prevenir atos discriminatórios contra os outros, eliminando qualquer tipo de hierarquização que possa existir em sala entre os alunos, evitando a separação por grupos a partir da identificação entre eles. No sentido do que é denominado no cotidiano de “panelinhas”. Desta forma, afirma Myers (1995), o preconceito pode ser definido como uma avaliação negativa em relação a algum grupo, ou seja, avaliação de um grupo em relação a outro, ou ainda, um apropriar-se de um juízo prévio sobre determinado grupo ou pessoa.

Neste sentido, percebe-se que a estratégia utilizada pelo professor Marcos tem produzido efeitos positivos no que tange à interação entre os alunos. Demonstra compreender a escola como um espaço de socialização e de humanização. Este pensamento ilustra a compreensão de que a constituição dos seres humanos se dá partir da relação com o outro e com o seu meio social, considerando o seu caráter ativo, relacional e dialógico, os quais também são inseridos em um contexto que é histórico e cultural (Gonzalez Rey, 2005).

A partir da perspectiva teórica desenvolvida por Gonzalez Rey (2005), pode-se compreender que as relações dialógicas, propiciam a constituição das subjetividades. Moreira e Câmara (2008) acrescentam que: “as diferenças são construídas socialmente” (p.44). Neste sentido, no ambiente de sala de aula, os professores evidenciam a relevância de se favorecer o diálogo e a interação entre os alunos a partir do ensino de conteúdos para os colegas com dificuldades na tentativa de amenizar a diferença entre um grupo e outro, como por exemplo: unir um grupo que compreendeu a matéria sem maiores dificuldades com outro que apresente dificuldades no conteúdo. O que pode ser ilustrado a partir dos seguintes relatos:

(...) aí passo exercício, tento mesclar esses que não se dão bem...para poder um acostumar a ajudar ao outro, falo assim “oh você vai lá e ensina para aquele”. Entendeu, a gente faz esse tipo de coisas assim e vai quebrando esse gelo (Luiz, nome fictício).

Eu procurava assim...em matemática os alunos tem mais dificuldades né...eu sabia quais eram esses alunos né, que tinham mais facilidade, aqueles que tinham menos facilidade, então eu procurava formar grupos de maneira que eles acabavam se entrosando. Então era alunos que tinham mais facilidade com os que tinham menos facilidade, em ajudar, para que um ajudasse o outro (Marta, nome fictício)

Percebe-se que tais estratégias pedagógicas utilizadas por tais professores, ilustram uma tentativa de estimular nos alunos um clima favorável de igualdade e de trabalho em equipe tendo em vista, a cooperação entre os alunos, no sentido de que um compartilha com o outro aquilo que sabe. Fica evidente no ultimo relato, o objetivo final de entrosamento ente os alunos e o aprendizado de conteúdos.

Quando o professor Luiz define como estratégia pedagógica de formação de grupos em sala de aula por atividade, o mesclar alunos e submetê-los a trabalhar com outros colegas com dificuldades no conteúdo, fica evidente que há uma barreira simbólica entre os que sabem e os que não sabem o conteúdo, e que tal barreira necessita ser quebrada e que ele é o agente responsável por esse movimento. Quando diz “oh você vai lá e ensina para aquele. Entendeu, a gente faz esse tipo de coisas assim e vai quebrando esse gelo” (Luiz, nome fictício). Nesta fala, pode-se destacar a definição de preconceito apresentada por Madureira (2007) como “fronteiras simbólicas rígidas construídas historicamente e com forte enraizamento afetivo que acabam por se constituir em barreiras culturais entre grupos sociais e entre indivíduos” (p.42).

Algo relevante a se destacar nesta fala é que, há uma hierarquização entre esses alunos em sala de aula, demonstrando uma postura desigual neste espaço, em que aquele que sabe mais o conteúdo é estimulado ou direcionado a trabalhar com o grupo que não sabe a matérias. Pode-se destacar que as desigualdades existentes na nossa sociedade fomentam o surgimento de preconceitos e práticas discriminatórias, no caso, o contexto escolar. Isso se dá, através das relações de poder estabelecidas, de forma hierarquizada ou impositiva, legitimando essas atitudes quando há um grupo majoritário sobre um grupo minoritário (Myers, 1995).

Situações como essas relatadas acima, são comuns ao espaço escolar, com também em várias outras instituições. Entretanto, no caso da escola, o professor apresenta-se numa posição hierárquica estratégica no sentido de eliminar ou reproduzir neste contexto, situações que favoreçam o surgimento e a prática do preconceito neste espaço. Portanto, como esses professores irão se posicionar nestes contextos irá legitimar tais atos ou eliminá-los. Tendo em vista tal argumentação, a professora Marta relata e assume a sua impotência diante da prática do preconceito e o seu posicionamento frente a este ato:

às vezes você se sente impotente, mas você precisa tomar uma atitude né, e as vezes você não sabe que atitude tomar, mas tem que tomar...no momento em que eu não sabia o que fazer eu puxava para o outro lado, senão você acaba extrapolando e sendo mais ignorante que os alunos...temos que entender que eles tem culturas e famílias diferentes (Marta, nome fictício).

Nota-se também, que a professora Rosa assume também uma postura empática, no sentido de se colocar no lugar do aluno, quando o mesmo sente-se impotente diante por exemplo de um ato discriminatório. Apresenta também uma reflexão sobre o sofrimento que os alunos enfrentam quando são alvos de gozação ou repreensão, por parte dos colegas o que pode ser ilustrado a partir do seguinte relato:

o bullying mesmo né...a tristeza da repreensão entre os adolescentes, das crianças, a questão da...dá, o que eu posso dizer...de não aceitar o outro como ele é e achar que todo mundo tem que pensar do mesmo jeito que eles querem...então assim quando as pessoas tem, são diferentes, eles não sabem lidar com aquelas diferenças, então é triste (Marta, nome fictício).

Tendo em vista tais atitudes da professora frente aos atos discriminatórios, cabe ressaltar a importância do papel do professor como um agente de transformação e mudança do espaço de sala de aula, o qual tem o poder de questionar ou continuar reproduzindo tais

práticas discriminatórias. Pois o papel do professor em sala de aula precisa “ter metas e objetivos sobre o que e para quem deve realizar” (Tacca, 2004, p. 108). Portanto, deve-se pensar em metas que possam ser atingidas pelos alunos a partir do trabalho com questões que valorizem as diferenças em sala de aula, como também o respeito às diferenças.

(...) acho que a gente precisa ensinar os alunos a respeitar a opção de cada um...porque eu não sou obrigada a dizer que isso é natural, mas tenho que ensinar o aluno a respeitar a pessoa (...) Preconceito, eu tenho esse preconceito, porque para mim é o homem e a mulher e pronto, todos nós temos um pouco de preconceitos (Marta, nome fictício).

A professora Marta enfatiza a necessidade de ensinar o respeito à diferença de escolha de cada pessoa aos alunos. Entretanto, tal discurso deixa evidente que, o seu posicionamento de desnaturalizar outras formas de relacionamento entre as pessoas diferentes da heterossexualidade, reproduz o preconceito em um nível que não há consequências graves, levando em consideração atos discriminatórios que culminam em atos violentos, porém, baseia-se em uma prática da tolerância, e não do respeito. A prática da tolerância é destacada também pelo professor Daniel, que destaca:

(...) quando as situações aparecem ou até mesmo de forma preventiva eu estou sempre falando sobre isso, de como a sociedade está e da necessidade de a gente ter tolerância...não precisa gostar, mas de entender as diferenças...acho que isso é o problema de algumas pessoas, elas se enquadram num modelo e tudo que é diferente daquele modelo é agressivo (...) (Daniel, nome fictício).

Percebe-se no relatos acima, que o professor define a tolerância como sendo apenas uma forma de entender o outro, não necessitando de nenhum envolvimento afetivo com o outro. Neste sentido ainda se pode destacar que a postura de tal profissional reflete uma

prática muito comum na sociedade, a de apenas tolerar o diferente e não a de reconhecê-lo e valorizá-lo como diferente.

A professora Rosa, apresenta um relato que define o preconceito numa dimensão cultural, “Ah sim, é, preconceito, digo aqui que o preconceito é uma questão cultural (...)” (Rosa, nome fictício). Tal argumentação leva em consideração os aspectos culturais, históricos e relacionais que compõem a noção de preconceito, pois, o preconceito apresenta-se nas relações cotidianas, na maioria das vezes de forma sutil, tendo como base as relações de poder implicadas na cultura, que abrange as dimensões coletivas, individual em diferentes níveis, são eles: “macro social” abrangendo a “cultura coletiva”, “interpsicológico” (abrangendo a dimensão das interações sociais). Nesse sentido, cabe destacar a noção do preconceito numa dimensão relacional. E por fim o nível “intrapsicológico (a subjetividade)” (Madureira, 2007, p. 49)

A escola apresenta-se como um local estratégico para se trabalhar questões de preconceito e práticas discriminatórias na sociedade. Pois, à medida este espaço favorecer uma promoção de uma cultura voltada para a valorização das diferenças e do respeito ao outro, questões como o *bullying* ou qualquer outra forma de violência entre os alunos poderão ser enfrentadas de forma adequada. Portanto, encontra-se no professor um papel fundamental na construção de estratégias de enfrentamento favorecendo o diálogo “entre as diferenças nas salas de aula, a fim de favorecer a construção de uma sociedade mais solidária” (Moreira & Câmara, 2008, p. 62).

### **O que pode fazer um Psicólogo Escolar na visão dos/as professores/as.**

A partir da década de 1960, em meio a “necessidades educacionais e escolares” (Gomes, 2002, p.49) relacionadas a problemas comportamentais e de aprendizado, surge a

Psicologia Escolar, entendida como área capaz de intervir em situações inerentes aos problemas de ensino e aprendizagem do aluno no ambiente escolar. Essa concepção é motivada pela premissa de que o fracasso escolar era algo de ordem individual, ou seja, das dificuldades dos próprios sujeitos e seus familiares na relação com a educação (Cruces, 2006).

No que tange ao papel do psicólogo escolar brasileiro atualmente, pode-se perceber, a partir dos relatos dos professores, que a atuação deste profissional na escola caracteriza-se como uma atuação consideravelmente nova e que tais profissionais possuem pouco conhecimento a respeito desta atuação. Sendo caracterizada a visão de alguns professores a partir de uma noção da psicologia tecnicista e adaptacionista com o foco no indivíduo, ou seja, direcionado a “problemas” dos alunos.

(...) a gente aprende a trabalhar com alunos teoricamente considerados normais né, então sem problema algum, mas tem caso de deficiência auditiva, deficiência visual, aluno com deficiência mental leve, déficit de atenção, então em algumas universidades não tem esse tipo de problemas, então a gente não tem esse preparo, a gente trabalha no dia-a-dia né, vai acostumando, pegando o jeito...o psicólogo já está mais preparado para esses problemas da psique né? Então eles podem ter uma estratégia melhor né... de como trabalhar isso aí com o aluno né...(Luiz, nome fictício).

Percebe-se que, no relato do professor Luiz, o psicólogo escolar possui como atribuição a atuação voltada para resolução de problemas de aprendizado e para alunos que apresentem algum tipo de deficiência. Isto pode ser articulado ao período da década de setenta e oitenta do século passado, em que a atuação da psicologia escolar era voltada apenas para a resolução de problemas de aprendizagem e culpabilização dos alunos. Tal modelo de atuação influenciou e muito a construção e a consolidação da identidade do psicólogo brasileiro no



meio escolar, o que pode justificar atualmente a forma com que o psicólogo escolar é visto pelos professores (Araújo 2010; Del Prette, 2007).

Tal visão ainda pode ser percebida também no relato da professora Marta “ (...) acho que o psicólogo seria importante para se detectar esses problemas (...)”

Pode-se dizer que, o psicólogo escolar reforça esse modelo de atuação na escola muitas vezes por falta de conhecimento da própria área de atuação, e muitas vezes, executa esse tipo de trabalho focado no aluno de forma individual, desconsiderando o contexto em que o aluno está inserido assim como todo o espaço escolar.

É fato que, a Psicologia escolar surgiu como uma interface entre a psicologia e a Educação e que a sua prática tem conquistado gradualmente espaço no ambiente escolar (Martínez, 2010). Entretanto, este espaço começa a ser conquistado a partir de várias mudanças ocorridas no final do século passado e no início desse novo século, que revolucionou o modelo de atuação do psicólogo na escola, que, sai de um modelo extremamente tecnicista, adaptacionista, curativo e clínico, com foco individual, e passa a atuar de forma institucional, integrando todos os atores que compõem o espaço escolar, tais como professores, direção, a comunidade, e a família. Visa fazer um “diagnóstico tanto das situações de institucionais, comunitárias ou individuais envolvidas nos referidos processos de intervenção visando o bom desenrolar do ensino e da aprendizagem escolar e a avaliação de todas essas atividades” (Gomes, 2007, p. 54). Tendo em vista tais argumentações e os relatos da professora Rosa, fica evidente que a noção de psicólogo é baseada no modelo de atuação clínico, e que pode estar muito relacionado a experiências ou informações errôneas sobre a profissão. Como no relato a seguir:

Mas ele está mostrando outro lado, e ele realmente não impõe, pelo que eu vejo...ele faz muito a pessoa pensar, refletir sobre a vida, eu vejo muita gente que procurou um psicólogo que mudou completamente...que pessoas que eu nunca pensei que iriam mudar e mudaram...porque elas começaram a olhar pelo outro lado, eu acho que é isso, o psicólogo tem muito desse papel, eu acho que aqui na escola seria muito importante, né tem essa questão do psicólogo, o orientador às vezes não consegue cumprir esse papel, mas ele vai mais pra esse lado de ouvir, e acolher o aluno (...) (Rosa, nome fictício).

A visão de um psicólogo na escola possui como função de trabalhar questões com os alunos de forma individual, quando os profissionais da escola não conseguem “cumprir” com seus papéis, demonstra uma percepção desta professora alimentada pelo modelo curativo de psicologia, o qual foi muito criticado no final do século passado. Isto fica evidente no relato da professora Rosa em vários momentos da entrevista como no exemplo: “olha...eu acho que o psicólogo escolar tem o papel de conversar com os alunos, de esclarecer, porque existem alguns alunos que vivenciam coisas que não são coisas que eles vivenciam porque eles querem...”. Percebe-se ainda que na visão desta professora, a atuação do psicólogo poderia ser unicamente voltada ao aluno individualmente, fazendo-o refletir sobre os seus problemas. Nota-se que tal argumentação também está relacionada a um modelo clínico de atuação. Esta visão pode ser expressa também a partir do seguinte relato:

o psicólogo pelo pouco que eu conheço, ele sabe chegar na pessoa de forma imparcial...ele está mostrando o outro lado (...) ele faz a pessoa refletir. (...) acho que o psicólogo aqui na escola seria muito importante (...) ele vai mais pelo de ouvir e acolher o aluno, no ouvir o aluno”, acho que a formação do psicólogo é mais preparada para isso (...) (Rosa, nome fictício).

Esse discurso de atuação remediativa ainda vigora em alguns contextos institucionais, sendo a atuação na escola baseada em estigmas que são próprios da profissão, como, por exemplo, o papel de “curar” alunos/as que apresentem problemas de aprendizagem ou comportamento, ou também o papel de “bombeiro”, tendo a sua atuação voltada para “apagar o fogo”, atuando em situações de resolução de dificuldades de relacionamento entre os alunos em sala de aula e de comportamentos considerados “inadequados”, ou ainda, o psicólogo escolar ter a sua atuação voltada para o modelo clínico, diagnosticando “alunos problemas” (Del Prette, 2007; Almeida, 2007; Gomes, 2007).

Tendo em vista que a psicologia escolar é também uma área da saúde, o psicólogo escolar terá sua prática voltada para promoção da saúde psicológica e para o aprimoramento das relações interpessoais no espaço escolar, numa perspectiva preventiva e relacional de atuação (Araújo & Almeida, 2006; Madureira, 2007; Gomes, 2007). Pode-se perceber que a noção de perspectiva preventiva pode ser evidenciada nos discursos de alguns professores, que apesar de apresentarem pouco conhecimento da área da psicologia escolar, pelo fato de não haver um psicólogo na escola, reconhecem a necessidade de se ter um profissional habilitado para o trabalho com os alunos na escola, através de palestras informativas e orientação. Entretanto, percebe-se que tal discurso ainda é muito enviesado à noção de psicologia relacionada a questões de cunho social, com necessidade de ser ter trabalhos específicos para a família e para o aluno (Del Prette, 2007), como demonstra o relato do professor de matemática:

(...) o papel do psicólogo né ta orientando né...ta fazendo palestra para os alunos né, porque eles precisam dessas informações, quando a família principalmente deixa né...ai fica falando... (...) e para isso teria que ter esse elo né, ai que o psicólogo seria fundamental também, para fazer esse elo (Marcos, nome fictício).

Nota-se nesse relato também expressa a ideia de psicólogo prestando serviços de orientação, no sentido de estar trazendo aos alunos informações cotidianas que eram de responsabilidade da família. Pois quando as mesmas não exercem esse papel de orientação, o cabe ao psicólogo ser como uma ponte de ligação, como um elo entre a família e o aluno. Fica evidente que tais profissionais reconhecem a importância da profissão para o espaço escolar assim como para todas as fases da vida das pessoas, como no relato “(...) Acho fundamental...todo mundo precisa né ter esse espaço para discutir para conversar né com a pessoa, como profissional né, para ajudá-lo né, tanto uma pessoa adulta, com principalmente adolescente né (...)” (Daniel, nome fictício).

Percebe-se que nesse último relato, ainda é atribuída a importância de se ter um psicólogo na escola, sendo um profissional responsável por promover o diálogo e interação entre os atores inseridos na comunidade escolar. Neste sentido, leva-se em consideração como esses indivíduos se constituem e se reconhecem no mundo, assim como os seus papéis sociais através da relação, do diálogo estabelecido com o outro e entre os grupos sociais aos quais fazem parte (Louro, 2000).

Cabe ressaltar que a noção de psicologia aplicada à educação, voltada para o indivíduo isoladamente ainda perdura em alguns contextos escolares. Isto está relacionado ao fato da psicologia escolar, por muito tempo esteve relacionada ao modelo “clínico-terapêutico”, (Almeida, 2007, p. 65), e sua práxis era direcionada apenas à resolução de problemas do aluno, tendo em vista que o psicólogo possui o conhecimento, habilidades e competências voltadas para o trabalho com questões de ordem psicológicas e emocionais dos sujeitos. (Almeida, 2007).

### **O posicionamento dos/as professores/as a partir da apresentação de imagens.**

Segundo Madureira (2008), a utilização de imagens quando aliada a metodologia qualitativa “busca estimular a construção de narrativas e argumentações por parte dos participantes” (p. 36). Neste sentido, foi possível perceber que, os/as professores/as foram visivelmente estimulados a debaterem o tema proposto a partir de experiências cotidianas e pessoais. Pois, a maior parte de tempo gasto pelos professores/as com argumentações na entrevista se deu na apresentação das imagens.

Isto demonstra que a apresentação das imagens proporcionou a articulação do que estava sendo visto com alguns aspectos da realidade dos professores. O que pode ser articulado ao pensamento de Vigotsky (2009) ao discutir as influências das obras de arte no pensamento, na percepção do sujeito que a está apreciando. Neste sentido o autor destaca que “as obras de artes podem exercer essa influência sobre a consciência social das pessoas apenas porque possuem sua própria lógica interna” (p.33) O autor ainda destaca que “as obras de arte seguem uma lógica própria interna das imagens em desenvolvimento, lógica essa que se condiciona à relação que a obra estabelece entre o seu próprio mundo e o mundo externo” (p.33). Tal argumentação demonstra a importância de se dialogar com a arte e quão produtivo é favorecer a articulação com a ciência, no sentido de se buscar desenvolver novas metodologias de pesquisa de modo criativo. Nesta dimensão, a apresentação de imagens pode ser relevante para essa articulação e ambas as imagens e as obras de artes são relevantes na produção de sentido dos sujeitos.

Portanto, foi possível perceber o quanto as imagens do 2º grupo de imagens (anexo 4) apresentadas aos participantes, em que retrata alguns tipos de casais héteros, homossexuais, imagem de cunho religioso, pessoas de várias etnias e figura de ato discriminatório explícito,

foram as que mais estimularam os participantes ao debate sobre o tema proposto. O que pode ser percebido a partir dos seguintes relatos:

Se disser que eu gosto eu to me comprometendo...se eu disser que sim também estou me comprometendo. (risos). Não eu to brincando...mas aqui no caso, essa primeira aqui...essa primeira aqui eu acho mais...uma coisa mais artística, mais legal, demonstrando que independente disso as pessoas são iguais. O que intendi é isso né...eu gostei disso! (Luiz, nome fictício).

Cabe ressaltar que o argumento do professor Luiz (nome fictício) demonstra uma visão de preconceito surgindo de forma sutil nas relações que eles estabelece com o meio, a medida que se posiciona contra as imagens sobre preconceito e discriminação ao casamento de pessoas do mesmo sexo, traz a noção de que independente das escolhas dos sujeitos, somos todos humanos.

Já na percepção da professora Rosa, tais imagens despertaram respostas mais pessoais, pois ao trazer exemplos da sua vida cotidiana, assume uma postura preconceituosa quanto a união de casais do mesmo sexo, a partir de suas crenças religiosas. Portanto:

olha é uma realidade que esta aí né...você chegar para mim e eu dizer que eu acho, natural, eu acho porque eu sou muito religiosa...mas eu acho que cada um sabe o que sente, cada um vive da forma vive como sente...e a gente tem que respeitar isso. (...) eu tenho amigos homossexuais e os amo do mesmo jeito...(Rosa, nome fictício).

Fica evidente na fala desta professora a noção de preconceito que Amaral (2000) que implica em “ações e comportamentos discriminatórios, dirigidos a um alvo específico (pessoas ou grupos, significativamente diferentes), que concretizam-se em relações

interpessoais mediadas por estereótipos” (p. 237). Madureira (2007) ainda destaca que o preconceito posto em prática é em si, discriminação.

A partir desses relatos, ficou evidente na fala de cada professor que o preconceito se constrói nas relações cotidianas sociais, mediadas pela cultura e pela história (Madureira, 2007), e que o professor é um agente transformador do espaço de sala de aula importante, no sentido de questionar e/ou eliminar tais práticas discriminatórias e promover um espaço mais democrático e de paz. Nesse sentido, Moreira e Câmara (2008) afirmam que estas práticas de eliminação do preconceito devem permitir um espaço de diálogo em sala, para que os preconceitos sejam questionados e possam ser trabalhados (Madureira, 2007).

## CONCLUSÃO

A atuação de qualquer profissional na área da educação pode ser considerada como desafiadora, tendo em vista os inúmeros desafios presentes no cenário educacional brasileiro na atualidade. Por se tratar de um espaço em que as pessoas passam a maior parte do seu tempo construindo conhecimentos que serão levados para suas vidas profissionais e cotidianas, julga-se necessário que o professor considere este espaço como extremamente dinâmico, complexo e singular. Portanto, suas práticas pedagógicas devem estar articuladas aos movimentos de transformação tanto da cultura como do contexto social mais amplo, a fim de que, tais práticas estejam de acordo com o aprimoramento dos processos de ensino e da aprendizagem, favorecendo o desenvolvimento da autonomia do aluno e de sua capacidade de agir no mundo social (Moreira & Câmara, 2008; Gomes, 2007).

A pesquisa revela que há desconhecimento dos professores sobre a atuação do psicólogo na escola, relacionando-o a uma atuação baseada em um modelo clínico e individualista, baseado em aconselhamentos e orientações de alunos. Entende-se que nos dias atuais, um dos grandes desafios enfrentados pela Psicologia no espaço escolar seja o de desconstruir tanto no imaginário social da escola a partir da visão dos profissionais que nela estão inseridos, como na própria Psicologia em si, o modelo de atuação curativo de foco individualista, e consolidar um modelo de atuação institucional, preventivo e relacional (Madureira, 2007; Gomes, 2007; Cruces, 2006; Netto, 2010).

Então, a psicologia escolar baseada nesse modelo de intervenção institucional, preventivo e relacional possibilita a atuação do psicólogo em diversos espaços na escola, que variam do aluno ao porteiro a partir de um olhar ampliado para a realidade desta escola.



Considerando que o espaço escolar é uma instituição social que é perpassada pela cultura, tal espaço fornece mecanismos que possibilitam aos sujeitos o acesso ao conhecimento da própria cultura, assim como suas normas e valores. Entende-se que este espaço é estratégico para que se trabalhem questões, que de certa forma, são delicadas na sociedade, como é o caso de preconceitos e das práticas discriminatórias (Carrara, 2009).

Os preconceitos e as práticas discriminatórias no contexto escolar surgem na maioria das vezes, em situações comuns do cotidiano e não ocorre somente entre os alunos, mas pode se estender para todo o contexto escolar. Tais atos, dependendo dos níveis de intensidade em que ocorrem, podem variar de uma simples discussão para atos de extrema violência entre os envolvidos, tem a possibilidade de acarretar problemas sérios para na vida de tais sujeitos (Madureira, 2007; Amaral, 2002).

Acredita-se no espaço escolar como estratégico na promoção da saúde dos sujeitos, na medida em que apresenta-se como propício para que práticas discriminatórias possam ser questionadas e eliminadas. Tais situações podem ocorrer a partir de trabalhos que favoreçam a troca de experiências e o diálogo entre os sujeitos, como também, focalize na valorização do ser humano e de suas diferenças, trabalhando a diversidade.

Neste sentido, percebe-se o papel da escola como espaço propício para a construção de estratégias de prevenção e enfrentamento de preconceitos. Compreende-se que o psicólogo escolar, sendo um profissional da saúde e também da educação, poderá contribuir com práticas de prevenção aos atos discriminatórios e de promoção de saúde a partir da valorização das diferenças que surgem como marcadores sociais que fomentam o preconceito. Neste sentido, o psicólogo escolar apresenta-se como uma contribuição importante para a construção de uma

cultura democrática na escola, a partir de implementação de intervenções que favoreçam as interrelações neste espaço de forma que todos possam se expressar e serem ouvidos.

A pesquisa realizada com profissionais da educação com mais de dez anos de magistério, mais especificamente com professores/as de uma escola pública do Distrito Federal leva a questionar como têm sido configurados os conflitos no espaço escolar entre os sujeitos e quais tem sido as estratégias utilizadas pelos/as professores/as para lidar com essas questões em sala de aula. Em que medida têm-se estimulado a reprodução de preconceitos em sala de aula pelos professores, e quais tem sido as contribuições para o reconhecimento da diversidade e a valorização das diferenças neste espaço por parte de tais profissionais.

Acredita-se que as estratégias pedagógicas utilizadas por tais professores na maioria das vezes, têm reforçado a prática da tolerância, em que, trabalha-se o reconhecimento do outro como diferente, porém não enfatiza-se a compreensão do outro na sua diferença, e sua valorização como diferente do seu grupo. O que é percebido a partir dos relatos dos professores como sendo uma estratégia de trabalho na dimensão do respeito. Entretanto, acredita-se que ao se posicionarem contra a união de pessoas do mesmo sexo por exemplo, apresentam-se como tolerantes frente a esta prática, o que é demonstrado no discurso de uma das professoras, ao desnaturalizar tal relacionamento e ainda ensinar os alunos a respeitarem a pessoa e não a escolha dela.

Por fim, enfatiza-se que ao se trabalhar com a educação de forma ampla, os profissionais da psicologia necessitam estar atentos ao contexto em que as práticas pedagógicas estão sendo construídas, para que não se utilizem de uma prática descontextualizada. Afinal, cada escola possui uma realidade distinta das outras e, portanto, um trabalho eficaz nesse contexto exige uma análise crítica de todos os espaços da escola.

Para isto é necessário que o profissional se insira completamente nessa realidade, respeitando os espaços dos outros profissionais como também contribuindo de forma interdisciplinar.

Diante deste cenário em que se encontra a educação brasileira, trabalhar questões relacionadas ao preconceito e a discriminação são questões extremamente delicadas, porém precisam ser percebidas com bastante atenção pelos profissionais da educação, os quais necessitam de maiores investimentos em formação e capacitação desses professores para trabalharem nesse espaço com questões como o sexismo, o racismo, a homofobia. Portanto, acredito ser relevante que tais profissionais aproximem o seu olhar para as práticas violentas que tem sido reproduzidas diariamente dentro das escolas brasileiras e para a desvalorização de seres humanos neste espaço.

Por fim, acredito que é relevante aprofundarmos o tema a partir de outros olhares advindos de outras áreas do conhecimento distintas da psicologia, com o intuito de criarmos estratégias que aprimorem e contribuam para o desenvolvimento do tema e do espaço escolar, tendo em vista, a importância de que este espaço possa se tornar cada vez mais democrático. Para isto, sugiro a realização de pesquisas voltadas para construção dos significados gerados nos sujeitos que cometem e que sofrem discriminação no espaço escolar de forma integrada à uma pesquisa feita com professores.

## REFERÊNCIAS

- Almeida, S. F. C. (2007). O psicólogo no cotidiano da escola: re-significando a atuação profissional. Em: Guzzo, R. S. L. (org). **Psicologia escolar: LDB e educação hoje**. Campinas. Alínea.
- Amaral, L. A. (2002). Diferenças, estigmas e preconceitos: o desafio da inclusão. Em: Oliveira, M. K. Souza, D. T. R. S. & Rego, T. C. (orgs.) (2002). **Psicologia, Educação e as temáticas da vida contemporânea**. São Paulo: Moderna.
- Araújo, C. M. M. (2006) & Almeida, S. F. C. Psicologia escolar institucional: desenvolvendo competências para uma atuação relacional. Em: Almeida, S. F. C. (org.) **Psicologia escolar: ética e competência na formação e atuação profissional**. pp. 59-81. Campinas. Alínea.
- Carrara, S. (2009) Educação, diferença, diversidade e desigualdade. Em: **Gênero e diversidade na escola: formação de professoras/es em gênero, sexualidade, orientação sexual e relações étnicos-raciais**. Livro conteúdo. Rio de Janeiro: CEPESC.
- Cruces, A. V. V. (2006) Psicologia e educação: nossa história e nossa realidade. Em: Almeida, S. F. C. (org.). **Psicologia escolar: ética e competência na formação e atuação profissional**. Pp. 18-35. Campinas: Alínea.
- Del Prette, Z. A. & Del Prette, A. (2006). Habilidades envolvidas na atuação do psicólogo escolar/educacional. Em: Almeida, S. F. C. (org.). **Psicologia escolar: ética e competência na formação e atuação profissional**. Pp.139-156. Campinas: Alínea.

Dell Prette, Z. (2007). Psicologia, educação e LDB: novos desafios para velhas questões?

Em: Guzzo, R. S. L. (org). **Psicologia escolar: LDB e educação hoje**. Campinas. Alínea.

Éfeso, H. (1998). Repensando a formação do psicólogo. Em: Abdalla, I. G. (org.) (1998). **Ter equilíbrio para dar equilíbrio profissão: psicólogo?** Pp. 113-118. São Paulo. Artes e ciências.

Facci, M. G. D. (2009). A intervenção do psicólogo na formação de professores: contribuições da psicologia histórico-cultural. Em: Araújo, C. M. M. (org). **Psicologia escolar: novos cenários e contextos de pesquisa, prática e formação de professores**. Campinas:SP. Alínea

Gomes, R. (2004). Analise de dados em pesquisa qualitativa. Em: Minayo, M.C.D.S (org); Neto, C. O.; Deslandes, S.F. **Pesquisa social, teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes.

Gomes, V. L. T. (2007). A formação do psicólogo escolar e os impasses entre a teoria e a prática. Em: Guzzo, R. S. L. (org). **Psicologia escolar: LDB e educação hoje**. Campinas. Alínea.

González Rey, F. (2005). **Sujeito e subjetividade uma aproximação histórico-cultural**. São Paulo: Thompson.

González Rey, F. (2005). **Pesquisa Qualitativa e Subjetividade: os processos de construção da informação**. São Paulo: Thomson.

Guzzo, R. S. L. (2007). Escola amordaçada: compromisso do psicólogo com este contexto. Em: Martínez, A. M. (org). **Psicologia escolar e compromisso social**. Curitiba. Alinea.

Guzzo, R. S. L. (2003). Saúde psicológica, sucesso escolar e eficácia da escola: desafios do novo milênio para a psicologia escolar. Em Del Prette, Z. A. P. (org). **Psicologia escolar e educacional, saúde e qualidade de vida: explorando fronteiras**. Campinas. Alínea.

Guareschi, P. A. (1996). Relações comunitárias-relações de dominação. Em Campos, R. H. F. (org) **Psicologia social comunitária: da solidariedade à autonomia**. Petrópolis: Vozes.

Hall, S. (2006). **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A.

Guzzo, R. S. L.; Mezzalira, A. S. C.; Moreira, A. P. G.; Tizzei, R. P. & Neto, W. M. F. S. (2010). Psicologia e educação no Brasil: uma visão da história e possibilidades nessa relação. Em: **Psicologia, teoria e pesquisa**. (2010). v.26. n. especial. (pp. 131-141)

Jodelet, D. (2002). Os processos psicossociais da exclusão. Em: Sawaia, B. (2002). **As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social**. Pp. 53-66. Petrópolis: Vozes.

Laraia, R. B. (2001). **Cultura um conceito antropológico**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar.

Le Breton. D.D. (2006) Campos de pesquisas 2: imaginários sociais do corpo. Em: **A sociologia do corpo**. (pp.62-95). Petrópolis: Vozes

- Louro, G. L. (1997). **Gênero, sexualidade e educação, uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Editora Vozes.
- Louro, G. L. (2000). Pedagogias da sexualidade. Em: Louro, G. L. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**.(pp.9-34) Belo Horizonte: Autêntica
- Madureira, A. F. A. (2007). A perspectiva sócio cultural construtivista: pressupostos e conceitos importantes e desdobramentos atuais. Em: **Gênero, sexualidade e diversidade na escola: a construção de uma cultura democrática**. Tese de doutorado realizada pela autora no instituto de psicologia da Universidade de Brasília (UNB). Brasília, Distrito Federal. Acessado em 12 de março de 2012.
- Madureira, A. F. A. (2008). **Imagens Como Artefatos Culturais na Pesquisa Sobre as Bases Sociais e Psicológicas do Preconceito: Uma Proposta Metodológica**. Texto resultado da pesquisa de pós-doutorado realizada pela autora na Facultad de Psicologia da Universidad Autónoma de Madrid.
- Martínez, A. M. (2010). **O que pode fazer o psicólogo na escola**. Em aberto, v. 29. n. 86. pp.39-56. Brasília, março de 2010.Disponível em: [http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/periodicos/RBSO\\_105\\_106](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/periodicos/RBSO_105_106) acesso em: 22 de março de 2012.
- Myers, D. G. (1995). Prejuicio, Desagrado por los demás. Em: **Psicología Social**. Estados Unidos. McGraw-Hill.
- Moreira, A. F. B. & Câmara, M. J. (2008). Reflexões sobre currículo e identidade: implicações para a prática pedagógica. Em: Moreira, A. F. B. & Candau, V. M.

(orgs), **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas** (pp.38-66).

Petrópolis-RJ: Vozes

Netto, S. P. (2001). As origens e o desenvolvimento da psicologia escolar. Em: Wechsler, S. M. (org). **Psicologia escolar: pesquisa, formação e prática**. (pp. 21-37). Campinas. Alínea.

Novaes, M. H. (2001). Perspectivas para o futuro da psicologia escolar. Em: **Psicologia escolar: pesquisa, formação e prática**. ( pp. 61-71). Campinas. Alínea

Perlin, G. T. T. (1998). Identidades surdas. Em Skiliar, C. (org.). **A surdez, um olhar sobre as diferenças**. (pp. 51-73). Porto Alegre: Mediação.

Oliveira, C. B. E. & Araújo, C. M. M. (2009). **Psicologia e cenários atuais. Em: estudo e pesquisa em psicologia**. a. 9. n. 3. p. 648-663. Rio de Janeiro, 2º semestre de 2009. Em: <http://www.revispsi.uerj.br/v9n3/artigos/pdf/v9n3a07.pdf> Acessado em: 4 de abril de 2012.

Raad, I. L. F. & Ximenes, P. (2011). A deficiência como mercadoria. Em: Tunes, E. (Org). **Sem escola, sem documentos**. Rio de Janeiro. E-papers.

Rego, T. C. (2002). Configurações sociais e singulares: o impacto da Escola na constituição dos sujeitos. Em: Oliveira, M. K. Souza, D. T. R. S. & Rego, T. C. (orgs.). **Psicologia, Educação e as temáticas da vida contemporânea**. (pp 47-76). São Paulo: Moderna.



Silveira, C. B. V. (2011) A autonomia como (im)possibilidade no espaço da escola. Em:

**Educação:**<http://www.webartigos.com/artigos/a-autonomia-como-im-possibilidade-no-espaco-da-escola/80869/>. Acesso em: 13 de novembro de 2012.

Tacca, M. C. V. R. (2004). Além de professor e de aluno: a alteridade nos de aprendizagem e desenvolvimento. Em: Simão, L. M. & Martínez, A. M. (2004). **O outro no desenvolvimento humano: diálogos para a pesquisa pratica profissional em psicologia**. São Paulo. Thomson.

Tacca, M. C. V. R. (2008). Estratégias pedagógicas: Conceituação e desdobramentos com o foco nas relações professor-aluno. Em: Aprendizagem e trabalho pedagógico. Campinas: SP. Alínea.

Vianna, C. & Ridenti, S. (1998). Relações de gênero e escola: das diferenças ao preconceito. Em: Aquino, J. G. **Diferenças e preconceito na escola: alternativas teóricas e práticas**. Pp. 93-105. São Paulo: Sumnus.

Weeks, J. (2000). O corpo e a sexualidade. Em: Louro, G. L. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. (pp.37-81). Belo Horizonte: Autêntica

Woodward, K. (2000). Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. Em: Silva, T. T. da (org.). **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Editora Vozes.

## **ANEXOS**

## **ANEXO 1: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)**

**“O preconceito e suas implicações práticas no ambiente escolar e a atuação do psicólogo nesse contexto”**

**Centro Universitário de Brasília- UniCeub**

**Pesquisadora responsável: Prof<sup>ª</sup>. Dra. Ana Flávia do Amaral Madureira**

**Pesquisadora assistente: Wanessa Muniz Silva Barros**

Este documento que você está lendo é chamado de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Ele contém explicações sobre o estudo que você está sendo convidado a participar.

Antes de decidir se deseja participar (de livre e espontânea vontade) você deverá ler e compreender todo o seu conteúdo. Ao final, caso decida participar, você será solicitado a assiná-lo e receberá uma cópia do mesmo.

Antes de assinar faça perguntas sobre tudo o que não tiver entendido bem. A equipe deste estudo responderá às suas perguntas a qualquer momento (antes, durante e após o estudo).

### **Natureza e objetivos do estudo**

O objetivo específico deste estudo é analisar a temática do preconceito no ambiente escolar e qual seriam as formas de atuação de um psicólogo nesse contexto, para isto, você está sendo convidado a participar exatamente por ser um/a professor/a desta instituição.

### **Procedimentos do estudo**

Sua participação nessa pesquisa consiste na participação em uma entrevista semiestruturada com a apresentação de algumas imagens previamente selecionadas relacionadas com o tema de pesquisa. Logo, não haverá nenhuma outra forma de envolvimento ou comprometimento neste estudo. As entrevistas serão gravadas, quando permitidas, ou pontuadas em anotações pela pesquisadora auxiliar.

### **Riscos e benefícios**

A pesquisa apresenta baixo risco para você e irá nos auxiliar na análise da temática do preconceito e a discriminação no ambiente escolar.

### **Participação, recusa e direito de se retirar do estudo**

Sua participação é de forma voluntária, não havendo a necessidade de continuar sendo entrevistada caso esse procedimento possa gerar algum tipo de constrangimento, você não precisará realizá-lo e se desejar, você poderá se retirar da pesquisa sem nenhum dano, pois sua participação é voluntária. Basta, para isso, entrar em contato com uma das pesquisadoras responsáveis.

Conforme previsto pelas normas brasileiras de pesquisa com a participação de seres humanos você não receberá nenhum tipo de compensação financeira pela sua participação neste estudo.

### **Confidencialidade**

Qualquer dado que possa lhe identificar será mantido em sigilo e o conteúdo das entrevistas só serão ouvidos na íntegra e manuseados pelas pesquisadoras. O material com as suas informações (fitas, entrevistas, etc.) ficará guardado sob a responsabilidade da pesquisadora assistente Wanessa Muniz Silva Barros com a garantia de manutenção do sigilo e confidencialidade. Ele será destruído após a pesquisa.

Os resultados deste trabalho poderão ser apresentados em encontros ou revistas científicas, entretanto, ele mostrará apenas os resultados obtidos como um todo, sem revelar seu nome, instituição a qual pertence ou qualquer informação que esteja relacionada com sua privacidade.

Eu, \_\_\_\_\_ RG \_\_\_\_\_, após receber uma explicação completa dos objetivos do estudo e dos procedimentos envolvidos concordo voluntariamente em fazer parte deste estudo.

Brasília, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

\_\_\_\_\_  
Participante

\_\_\_\_\_  
Pesquisador (a) responsável

Ana Flávia do Amaral Madureira

Celular: (61) 9658-7755

\_\_\_\_\_  
Pesquisador (a) auxiliar

Wanessa Muniz Silva Barros

Celular (61) 8154-0092

## **ANEXO 2: ROTEIRO DE ENTREVISTA**

1. Fale um pouco sobre o seu trabalho como professor/a desta instituição.
2. De maneira geral, como você percebe o papel do/a professor/a?
3. Como são divididas as atividades em sala de aula em se tratando de trabalhos em grupos?
4. Qual a sua percepção do ambiente de sala de aula? Como você avalia a sua relação com os alunos em sala de aula?
5. Como você lida com os comportamentos dos alunos em sala de aula que apresentem comportamentos que são culturalmente considerados como “diferentes”?
6. Qual a sua postura diante de uma situação em que um/a aluno/a esta sendo alvo de gozação em sala de aula? Qual a postura dos outros alunos?
7. Como você se sente neste tipo de situação?
8. Na sua opinião, qual é o papel da escola em relação ao preconceito?
9. Existem pessoas que acham que alguns indivíduos são preconceituosos e outros não. Existem pessoas que acham que todos/as nós somos preconceituosos/as. O que você acha?
10. Na sua opinião qual seria o papel do psicólogo escolar?
11. Esta instituição de ensino possui um psicólogo/a escolar? Como poderia ser a atuação de um nesta escola?
12. Você gostaria de acrescentar mais alguma coisa?

### ANEXO 3: IMAGENS SELECIONADAS



O que você vê nessa imagem?

Você gosta dessa imagem ou não? Por quê?



O que você vê nessa imagem?

Você gosta dessa imagem ou não? Por quê?



**O que você vê nessa imagem?**

**Você gosta dessa imagem ou não? Por quê?**



**O que você vê nessa imagem?**

**Você gosta dessa imagem ou não? Por quê?**



## **ANEXO 4: TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS REALIZADAS COM OS/AS PROFESSORAS**

**Participante 1:** Prof<sup>o</sup> “Marcos” (nome fictício)

**Participante 2:** Prof<sup>o</sup> “Luiz” (nome fictício)

**Participante 3:** “Marta” (nome fictício)

**Participante 4:** “Rosa”(nome fictício)

**Participante 5:** Prof<sup>o</sup> “ Daniel” (nome fictício)

**Entrevistadora:** “E”

**Entrevista 1: Professor Marcos (nome fictício)**

**E:** Boa tarde professor!

**Marcos:** Boa tarde.

**E:** De acordo com essas imagens o que o senhor ver?

**Marcos:** nas quatro?

**E:** é.

**Marcos:** Um aluno sobrecarregado né? Vários livros né , preocupado com o estudo.

**E:** nessas imagens aqui...

Marcos: Aqui a diferença de aspectos físicos né...um mais gordinho, outro mais magrinho, aqui...a forma de se vestir né, um pouco fora do tradicional e aqui um desânimo...tipo um fracasso né, uma pessoa demonstrando um fracasso.

E: O senhor gosta dessa imagem?

Marcos: diferente para mim...

E: Porque que é diferente?

Marcos: Não me causa nenhuma é...assim...é diferente, não sei.

E: De acordo com essas imagens aqui...o que o senhor ver?

Marcos: Aqui eu vejo um casamento homoafetivos...que esta muito divulgado na mídia hoje né, não que nunca existisse né...aqui são duas mãos se entrelaçando demonstrando união, e as pequenininhas o que são isso aqui...três pessoas? Acho que...são vários tipos de raça né...

Marcos: e aqui no centro mesmo a maior, duas mãos simbolizando essa união...a é...a gente briga tanto pela diversidade né, já que é um povo tão misturado...tem esses preconceitos né...

E: O quê que você...você gosta dessa imagem?

Marcos: Gosto né, essa imagem aqui demonstra que nós temos que ter união...essa aqui é a imagem de Jesus?

E: é.

Marcos: Jesus chorando né, a tristeza, mostra Jesus, o sofrimento...

E: é essas imagens aqui? O que o senhor ver nessas imagens?

Marcos: a agressão né, violência, medo aqui nessa outra né...não gosto dessa imagem!

E: Porque o senhor não gosta?

Marcos: eu acho que eu não gosto de violência...eu sou uma pessoa mais passivas, eu não gosto de nenhum tipo de violência. Não é legal né...

E: Uhum! E nessa imagem o que o senhor ver?

Marcos: *essa imagem aqui eu vejo profissões...cada um em sua profissão, a mulher né, na profissão, interessante né, a mulher tá cada vez mais conquistando o seu espaço...que bom, eu gosto! Eu gosto da imagem, gosto de trabalhar, acho que o trabalho edifica o humano, mente vazia tem que ocupar...é, é isso, eu gosto da imagem, me transmite isso.*

E: Professor Marcos, vamos para uma outra parte da entrevista tá? Gostaria que o senhor me falasse um pouco sobre o seu trabalho como professor?

E: o senhor é professor de qual matéria?

Marcos: Sou professor de matemática, tenho 40 anos, tenho 12 anos de magistério...é prazeroso meu trabalho...apesar das dificuldades né, a gente ver que os alunos estão tendo interesse, se dedicando aos estudos, e dia-a-dia na sala de aula é difícil, não é fácil não, mas como a gente gosta do que faz, a gente tem prazer no que faz a gente vai superando essas barreiras aí, essas dificuldades...

E: e como o senhor percebe assim, de maneira geral o seu trabalho?

Marcos: Olha, de maneira geral eu acho muito produtivo...os alunos tem necessidade principalmente na minha matéria matemática né, eles sentem muita dificuldade né, isso aí eles vem trazendo desde a base mesmo né, da educação infantil, mas eu acho interessante, muito prazeroso você está superando essas dificuldades, e eu vejo aí nessas imagens que você trouxe

que a gente passa por isso tudo no dia –a –dia, a gente na sala de aula esta bem fragilizado, afetado diretamente junto com isso...essa questão do bullying que hoje em dia está muito na moda né, falar de bullying não que não existisse antes né, mas é que hoje ta ampliando, ta multiplicando...

E: E como o senhor reage nesses casos, por exemplo quando, qual a sua postura diante de um aluno que esta sendo alvo de gozação em sala de aula?

Marcos: Olha eu procuro na turma parar né, conversar com eles que não é legal que eles estão fazendo isso, porque eu peço pra esses alunos se colocarem no lugar desses alunos na conversa, respeitar as diferenças de cada um...e eu procuro fazer isso, daí quando o caso extrapola eu procuro levar para a direção, porque você já foi no seu limite, já usou todas as medida...a direção tem...ai chamam os pais, uma situação para que não aconteça né, porque não é bom.

E: E qual que é a postura dos outros alunos quando acontecesse isso?

Marcos: Olha tem uns que engrossam o movimento e...e tem outros que não, que defendem a pessoa que não gostam, tomam partido, que não gostam da situação de estarem gozando do outro, ai a gente consegue contornar e resolver... a partir daí eles passam a respeitar mais o colega é assim eles passam a ter assim uma adaptação, porque você ta numa turma ai no meio do ano aparece um aluno novo, aquele corpo estranho, então até eles terem uma adaptação, tanto pra quem ta chegando tem uma adaptação com a turma como quem ta na turma com quem está chegando, mas ai depois que você vai conversando, vai entrosando, as coisas vão ficando no lugar.

E: E diante disto, como que é o trabalho, como que é dividido o trabalho em sala de aula em atividades de grupos?

Marcos: Olha eu tento fazer assim, quando eu vou fazer trabalho em grupo, eu sorteio o grupo para eles não ficarem fazendo aquelas panelinhas, e aí quando tem o segundo trabalho eu já mudo a forma de montar os grupos, é separar para eles estarem convivendo se socializando entre eles, porque eu acho que facilita muito o trabalho quando eles já se conhecem, e aí eu faço dessa forma, porque se deixar eles montarem os grupos eles vão com até o fim do ano com o mesmo grupo, não interagindo com as outras. A gente procura esta sempre separar, está sempre misturando.

E: E, com relação aos alunos que apresentam comportamentos considerados culturalmente diferentes?

Marcos: Bom dentro de sala de aula acho que todo mundo tem que ter o seu respeito, eu respeito a situação deles e quero que eles respeitem a minha também...por exemplo, namorados, namoradas o casal tá lá não é para ficar se beijando na sala de aula, sentando no colo, então dentro da sala de aula tem que ter um respeito, acho que é tranquilo a gente tem que viver com essa situação. E acho que é normal...eles...eles são bem respeitosos, e eu acho que com as orientações da escola, eles não na sala, nos ambientes escolares se beijando, se abraçando, eu não acho isso legal, no espaço escolar não é espaço para isso.

E: Então a escola tem algum trabalho voltado para isto?

Marcos: Tem as recomendações, pra não está se abraçando nos corredores, nas paredes...

E: e essas informações são passadas no início do ano...?

Marcos: No início do ano, sempre relembrar né, porque as vezes um foge, do normal, mas é bem tranquilo, a escola é muito tranquila nessa parte.

E: Por exemplo, outros tipos de diferenças que você pode citar assim que existem em sala de aula?

Marcos: De diferenças...é...casais femininos, casais masculinos, os próprios casais héteros, diferenças de alunos que vestem uma roupa muito preta, essas são as diferenças, gosta de boné, então sempre as suas particularidades, cada um tem um, essas são as diferenças que eu mais vejo aqui na escola.

E: Então na sua opinião qual seria o papel da escola frente ao preconceito?

Marcos: De orientação né, eu acho que o papel da escola é de orientação e buscar os pais para junto da escola para ajudar nessa situação, tentar eliminar com isso, é histórico né...eliminar o preconceito né, essas reações com relação as coisas diferentes né.

E: Como o senhor acredita que os pais podem ajudar nessas questões?

Marcos: Olha o pais estando presentes...porque as vezes o filho é de uma forma na escola e em casa é de outra forma e o pai não sabe, então ele acompanhando o dia-a-dia na escola pode ajudar muito na educação deles né...acho que o maior problema da escola hoje é o afastamento dos pais em relação aos seus filhos na escola.

E: E...na sua opinião ..é, existem pessoas que se percebem preconceituosas outras não se consideram preconceituosa, muita gente fala assim, que outras pessoas são preconceituosas, então o que o senhor acha?

Marcos: eu acho que todo mundo tem o seu preconceito, isso aí é que... cada um tem preconceito, o problema é a forma com que se lida com esse preconceito, entendeu... o pior que eu acho são aquelas pessoas que não assumem o preconceito é mais fácil de lidar do que aquelas pessoas que não assumem seus preconceitos, porque elas não se acham preconceituosas e acabam praticando o preconceito constantemente, eu vejo dessa forma.

E: Como que o senhor reage numa situação de preconceito?

Marcos: Olha eu me indigno...eu tenho os meus preconceitos, não acho bom, eu tenho meus preconceitos, mas não acho legal quando as outras pessoas usam disso para atingir as outras. Eu fico muito indignado, e se for com meus alunos eu converso com eles, eu tento no diálogo eu tento passar para eles que aquela postura não estava certa. As vezes a gente não gosta de uma pessoa, não precisa ficar explanando isso, tem que respeitar as pessoas né, seja no ambiente de trabalho, seja no ambiente pessoal.

E: E nessa instituição existe algum psicólogo?

Marcos: Um psicólogo não existe. Nós temos um sistema né o SOE, que é um sistema de orientação, mas não tem psicólogo, pelo que eu saiba na escola não tem psicólogo.

E: E como é que poderia ser então...assim, na sua opinião como poderia ser a atuação do psicólogo escolar?

Marcos: Olha o papel psicólogo é...na realidade quando extrapolasse o papel do professor e da direção.

E: Em que sentido?

Marcos: Em que sentido...quando acontecesse esses casos de preconceito e do próprio aluno se sentir é...é... menosprezado, rejeitado, afastado do seu grupo e o professor não conseguir com seus mecanismo no grupo e não conseguir resolver essas situações...eu acho que entraria o psicólogo que hoje pra mim é a profissão do futuro, porque hoje a gente tá numa correria tão grande que nós precisamos da ajuda desse profissional para centrar, sentar, pensar, refletir, entendeu? Então eu acho que esse seria o papel do psicólogo né ta orientando né...ta fazendo palestra para os alunos né, porque eles precisam dessas informações, quando a família principalmente deixa né...ai fica falando... ah a escola pública não é boa em relação a...fica comparando em relação a escola particular, mas acontece que o pai na escola particular é bem presente né, porque ele tira do bolso apesar de ele pagar muito caro na escola pública né, através dos impostos, ele não tem essa visão, e já na escola particular ele ta vendo né, mas aqui é uma dificuldade né pros pais vir ate a escola, tem que ficar inventando reunião, é difícil de eles vir, eu acho assim que a ausência da família é muito grave com relação a presença na escola, e o psicólogo poderia ta atuando junto para trazer, fazer esse elo entre a escola e os familiares, porque pra mim não deveria nem ser secretaria da educação e sim secretaria de formação, porque aqui é para formar para o mercado de trabalho né uma universidade, e a educação é no berço né, é nos pais mesmos, e para isso teria que ter esse elo né, ai que o psicólogo seria fundamental também para fazer esse elo.

E: Então para o senhor a educação seria voltada para a família e para a formação na escola. Isso?

Marcos: Isso!

E: O senhor gostaria de acrescentar mais alguma coisa?



Marcos: Não... acho que aqui na escola existe a diversidade, eu acho que ela está aí...eu acho que antes a gente não enxergava, tanto como hoje a gente enxerga, tanto que a mídia tá fomentando tanto isso da diversidade né...do próprio racismo a escola tem bastante isso, mas é bem contornável né, eu to trabalhando aqui a aproximadamente dois anos, e me sentir muito bem assim que eu cheguei, os alunos são tranquilos, se respeitam, é aquele lance normal de todo dia né...tá aí, a diversidade é para isso, é importante né...você que tá fazendo esse trabalho aí né...vai ser psicólogo né?

E: Sim.

Marcos: então venha trabalhar conosco nos ajudar aqui.

E: E...existe algum projeto aqui na escola para trabalhar a questão da diversidade?

Marcos: Não...

E: Não existe?

Marcos: Não existe...que eu saiba não.

E: Então vocês trabalham com...

Marcos: Com orientação, mais com orientação...não tem...assim teve a festa da família com algumas palestras assim, mas não teve ...é teve uma palestra voltada para o bullying...é teve uma palestra voltada para a homofobia...é

E: e essas palestra vem de fora?

Marcos: É...assim a escola se organizou e no sábado nós viemos com os alunos, os familiares e aí houve essa distribuição...existe né, não é um projeto mas existe...

E: Mas não é um projeto que está estabelecido no PPP né?

Marcos: Não...mas é um projeto que surge...

E: Obrigada!

Entrevista 2.

E: Boa tarde.

Luiz: Boa tarde.

E: Qual o seu nome?

Luiz: Luiz.

E: Professor Luiz o senhor é professor de que?

Luiz: Química.

E: Eu gostaria de perguntar para o senhor o que o senhor esta vendo nessa imagem?

Luiz: Parece um grupo de amigos...aqui um casal de namorados...um aluno que parece ser estudioso pelo tanto de livros que ele carrega né. E aqui...é...oh...a diferença da idade escolar...

E: uhum...

Luiz: Defasagem escolar...é.

E: Você gosta do que ver nessa imagem?

Luiz: Seu eu gosto do que vejo?

E: Uhum...

Luiz: É que de certa forma é positivo...porque você ver aqui, um que estuda demais,, outro que tem a defasagem escolar, se você olhar por outro ângulo você verá uma pessoa mais velha querendo voltar aos estudos né ou dando continuidade. A única coisa negativa que se tem é a

defasagem...mas se olhar por outro lado né...por exemplo por esse lado tem o lado positivo o aluno que estuda muito, mas por outro lado gera um problema de coluna né...já ai o lado mais negativo né. Da pra você ver de forma diferente...por exemplo o namoro...pode ser saudável se for bem orientado, mas que pode ser também a questão de atrapalhar os estudos, isso pode acontecer, a pessoa largar os estudo para ficar namorando. Dentro de sala de aula, um aluno escora no outro, isso é comum dentro de sala de aula. Tem que saber separar bem as coisas né...

E: Certo...o que o senhor ver nessa imagem, nessa segunda imagem?

Luiz: é...a segunda imagem eu já vejo a questão do preconceito...né o que ta querendo retratar. O casamento homossexual né aqui...aqui é interessante que você colocou uma passeata de um lado e Cristo do outro...uma passeata gay aqui né?

E: Uhum...isso!

Luiz: E do outro lado Cristo...bom eu não vejo...ah ta ele ta chorando né...como se Cristo condenasse...é...porque a igreja geralmente condena a questão do homossexualismo ne...não tinha entendido a imagem, eu não tinha reparado nas lágrimas dele. É aqui ta tudo voltado...é...a questão é...da homofobia não?

E: Uhum...e o senhor gosta do que ver nessa imagem?

Luiz: Se disser que eu gosto eu to me comprometendo...se eu disser que sim também estou me comprometendo. (risos). Não eu to brincando...mas aqui no caso, essa primeira aqui...essa primeira aqui eu acho mais...uma coisa mais artística, mais legal, demonstrando que independente disso as pessoas são iguais. O que intendi é isso né...eu gostei disso! Dessa primeira imagem. Demonstra também classes sociais né...não só a questão da homofobia

aqui...então são uniões de várias etnias né? Ou seja o que marcou bastante né. Outra aqui criativa essa aqui do preconceito né...dos pássaros né, dos pássaros demonstrando o preconceito... o preconceito não é uma coisa boa né...mas é natural que se tenha preconceitos né, preconceito é diferente de discriminação...o pessoal confunde muito os dois, acho normal você ter o conceito prévio a partir de um assunto, discriminação não...discriminação é realmente você querer é...é menosprezar, é você menosprezar alguma coisa em função de algum radicalismo. Em função de algum conceito que você não concorda, temos que respeitar as opiniões diferentes também né...logico dentro de um limite. Aqui temos o casamento gay, temos seus pros e contras, tudo bem, mas os casais é...quiserem ficar juntos, casarem, tudo bem. Eu não tenho nada contra não.

Luiz: Essa ultima aqui é bem forte né...essa do Cristo chorando uma ideia de como se fosse assim uma coisa mais relacionada ao que as igrejas pregam né...que condenam sim a questão do homossexualismo radicalmente né...e...acho que cada um tem liberdade de fazer o que quiser né, desde que não se prejudique o outro, se respeite o outro.

E: E o que o senhor ver nessas imagens aqui?

Luiz: Primeiro bullying, segundo agressão física, um situação de briga né, onde o maior agride o menor né...a terceira lembra um pouco de bullying né, uma criança isolando a outra né, não deixa de ser um tipo de bullying né...o primeiro ate com um deficiente físico sendo “bullyinado” né.

E: E você gosta do que você ver nessa imagem?

Luiz: Ah do que ela representa não, não vejo o porque gostar.

E: Porque o senhor não gosta?

Luiz: porque é uma cena de discriminação né isso nunca é bom!

E: E nessa segunda imagem?

Luiz: Nessa aqui...deixa-me ver, aqui é uma mulher no mercado de trabalho né, no mercado de trabalho ...ta aqui parecendo como uma engenheira aqui no caso né...com funções que antigamente só homens exerciam né...aqui um homem trabalhando normalmente né... o que é isso aqui é um caixão isso aqui?

E: Não, é uma pia!

Luiz: ah uma pia...pareceu um caixão aqui com uma cruz (risos). Então é um homem fazendo serviços domésticos seria isso né... disso eu não gosto né (risos). Eu particularmente não gosto disso né... a outra aqui é...dona de casa né, a mais comum né, é o mais comum normalmente né...aqui um homem trabalhando num trabalho mais pesado na metalurgia né...

E: Você gosta do que você ver nessa imagem?

Luiz: Sim...eu acho interessante!

E: O que é interessante?

Luiz: Porque ta pregrando a igualdade entre os sexos né, com relação as profissões né que é caminho certo né.

E: Bom agora passaremos para a segunda parte da entrevista...

Luiz: Tá.

E: Gostaria que o senhor falasse um pouco sobre o seu trabalho como professor dessa instituição.

Luiz: Bom, aqui eu gosto de desenvolver vários projetos né, como por exemplo a gente tem um projeto de filme, que os alunos fazem contendo química e outras disciplinas né...e eles produzem os próprios vídeos deles, a gente faz um festival com cerimonia que nem o oscar, eles vem bem vestido, depois tem premiação das categorias igual a do Oscar. É bem interessante também, a gente gosta de desenvolver vários projetos, tem também a fórmula Pet, que é corrida de garrafas pet, no lago Paranoá a gente fez também eles fizeram os barcos né depois a gente...de música também. Aqui tem a semana de arte moderna que eu to trabalhando com eles né, que trabalha as disciplinas de português e artes, então assim, aqui é uma escola que desenvolve vários projetos então eu gosto dessa invenção de trabalhar vários projetos com eles. Dentro da sala de aula, eu direciono bem o conteúdo para o PAS, vestibular, e também para temas do dia-a-dia deles né, questões sociais que eu trabalho com eles também. Mas tem essa preocupação mesmo com o PAS e o vestibular dentro de sala de aula, pelos projetos dá para trabalhar temas transversais.

E: De maneira geral como o senhor percebe o seu papel como professor?

Luiz: Como percebe o seu papel...de maneira geral o professor é muito importante para ser o mediador do conhecimento para o aluno né...você tem que entender que você não é o dono do conhecimento, você media o conhecimento...então eu acho interessante você partir do que o aluno sabe e...pra lhe...concentrar...da subsussores para que ele possa poder aprender através de mediações, poder, poder ancorar novos conhecimento né...

E: Interessante...

Luiz: eu acho que é por aí...

E: Então o senhor ver como um papel de mediador?

Luiz: É isso!

E: Com relação as atividades em sala de aula, como o senhor divide a questão de grupos em sala de aula, como é?

Luiz: Trabalha-se com os experimentos né, por tipos de experimento eu divido grupos, mas eu acho interessante trabalhar...o grupo eu deixo livre na verdade, eu não escolho a dupla pra eles, deixo eles mais a vontade. Já teve vez que eu separei grupos...já teve anos aqui que já teve problema de confusão, ah não quero fazer com fulano, ah eu também não, então tá, então eu vou separar ímpares e pares, já fiz assim, desse jeito, pra evitar confusão nos grupos...mas quando você não separa tem essas vantagens né de evitar confusão, mas o diferente tem que trabalhar entre si, e também tem o outro lado que a pessoa tem que, tem que é...quando tem muita afinidade o trabalho não flui tão bem como deveria né...mas no mercado de trabalho é assim, a pessoa não conhece as pessoas quando chega, mas tem que flui de qualquer jeito, então aqui de alguma maneira tem que flui também, mas geralmente eu deixo livre.

E: Então qual a sua percepção do ambiente de sala de aula?

Luiz: Ambiente de sala de aula?

E: É.

Luiz: é um ambiente que eu gosto...para falar a verdade o ambiente que eu gosto é o de sala de aula, não me vejo numa função de direção, coordenação, ou coisa assim, eu gosto é de tá em contato direto com os alunos, eu acho mais interessante, eu acho divertido na verdade.

E: E como que é a relação dos alunos? Como o senhor avalia a relação dos alunos em sala de aula?



Luiz: Você sabendo levar, você leva bem...tem alunos mais agitados que o outro, mas se você colocar...

E: Como o senhor avalia a relação dos alunos em sala de aula?

Luiz: Ah tá...então o seguinte, em sala de aula, é...perai, em sala de aula, por exemplo, era como eu tava falando, tem alunos que são mais quietos, tem salas que são mais agitadas que outras...então as vezes você tem que ter o tratamento um pouco diferenciado sabe? E ao mesmo tempo tentar ser homogêneo. Quanto a questão do conteúdo tem que ser o mais homogêneo possível, para você não beneficiar nem uma nem outra...a abordagem é parecida quanto aos alunos, mas a maneira com que você vai chegar é diferente em uma e outra, mas tem que ter essa percepção, as vezes uma turma mais agitada, você tem que ser mais agitado do que eles, se você quiser ter as vezes o respeito deles. Entendeu? Eu sou o cara...o cara que tipo que vejo que tem um aluno agitado, que faz gracinha, ele quer aparecer...então se tem alguém que tá apreciando mais que ele, ele baixa a bola, entendeu? Então se o cara faz uma gracinha, você faz uma pior do que a dele. O cara fala um palavrão, você fala um palavrão pior do que o dele. Você vai quebrar o clima para ele. Aí não vai mais fazer sentido ele ficar chamando palavrão, atrapalhando aula com gracinhas, entendeu, se tem um que é pior do que ele.

E: Então essa é uma estratégia que o senhor utiliza em sala de aula.

Luiz: Justamente...funciona bem...e ao mesmo tempo, você precisa colocar regras, porque você coloca regra assim oh, você coloca regra de pontuação de comportamento...e quando o cara sai daquilo, descumpra esse regulamento, perde ponto e nem reclama...não vai revoltar, não vai riscar seu carro nem nada, né porque ele sabe né da regra, assim, eu desrespeitei, ele

não se sente assim injustiçado, mas tem que deixar a regra clara, aí da certo. Aí tem hora que realmente que você tem que dizer que começa com o conhecimento, aí vai intercalando.

E: E como são estabelecidas essas regras?

Luiz: No começo do ano...cada semestre reforça um pouquinho,

E: Mas a regra é feita só por você ou pelo grupo?

Luiz: Não, não é pelo grupo mesmo, é em conjunto com eles...

E: como se fosse um contrato de convivência?

Luiz: é, na hora que já bola o contrato, já bola a regra...aí eu explico pra eles, tiro dúvidas, sugestão...nunca ninguém dá sugestão por incrível que pareça. Eles concordam, como diz a relação, fizemos um contrato né, como todo negocio né.

E: E como o senhor lida com alunos que apresentam comportamentos diferentes, daqueles que são considerados culturalmente diferentes?

Luiz: o que seria culturalmente...seria disciplina? Não? Porque culturalmente diferente nos remete a isso né, uma pessoa de religião diferente, cabelo diferente né, pode ser um homossexual assim, pra mim não tem problema não. Não me afeta em nada, tem aqueles que tem o cabelão né, estilo roqueiro, de piercing aqui, tatuagem ali, pra mim isso não é problema a regra é uma só para todos. Se esta prestando atenção se tá...se tem interesse, vão ter a mesma atenção....quer que seja a religião, seita, aí você começa a ter...aí a indisciplina a gente tenta resolver na sala, tem que resolver o máximo em sala de aula e perde ponto de indisciplina, ele perde dessa pontuação, se nem isso resolver aí a gente encaminha para a

direção. Ai eles mesmos resolvem...tem um limite né...quando passa desses limites já passa para a direção.

E: Como o senhor se porta, qual a sua postura diante de um aluno que esta sendo alvo de gozação?

Luiz: É isso aí, eu já passei por situações desse tipo aí...mas quando isso acontece você tem que cortar na hora...

E: Mas como assim?

Luiz: É... por exemplo o aluno esta fazendo graça na hora, cê já para logo, chama a atenção para poder parar...e aí o ideal é você já tenta tirar o aluno e levar para a direção para tentar acalmar né, pra ver pra conversar com a turma longe dele...porque se for fazer junto, não certo, um acusa o outro...mas é isso aí, eu chamo os cabeças que estão causando essa espécie de bullying né contra o aluno.

E: E... a postura dos outros alunos como é que fica com relação a esses?

Luiz: com relação aos que promovem o ato?

E: Sim...os que promovem o ato...

Luiz: Geralmente eles condenam né...mesmo os que riem, mas depois eles ficam mais sentidos assim, eles sabem que estão fazendo coisas erradas Mas é porque você tem que mostrar para eles o senso de justiça, ate que ponto o que está sacaneado sabe que está errado...a pessoa não pode ser injusta, a pessoa tem que mostrar porque que é correto né...as veze um fala que tem que ser rebelde mesmo, uns falam assim...mas a maior parte dos casos se resolve em sala mesmo.

E: Então como é que o senhor se sente quando há um caso desses em sala, quando tem essas situações?

Luiz: Ah um pouco triste...mas tento contornar né, eu as vezes tento ate contornar, fazer grupos de estudos né...ai passo exercício, tento mesclar esses que não se dão bem...para poder um acostumar a ajudar ao outro, falo assim “ oh você vai lá e ensina para aquele”. Entendeu, a gente faz esse tipo de coisas assim e vai quebrando esse gelo.

E : e isso costuma funcionar?

Luiz: Funciona...é uma ajuda boa.

E: Então na sua opinião qual seria o papel da escola frente ao preconceito?

Luiz: Bom a questão é o seguinte, você, primeiro quanto menos você falar no assunto melhor...assim o cara começa a falar demais assim ah, não sei o quê, ah vamos falar aqui de homossexualismo, fica aprontando muitas vezes faz é piorar a situação, porque você fica expondo aquele alunos que passam por isso. Então assim, o ideal é que você percebe que esta iniciando um processo assim, você chamar para conversar os cabeças...

E: então a atuação vai diretamente no...

Luiz: é diretamente no que está provocando, porque se você não esta falando no preconceito, é como se ele não existisse entendeu? Logico que não é verdade, lógico que ele existe, mas se você fica falando de mais aí já coloca, já expõe muito já vai lembrar exemplo aí começa, então eu acho que pode piorar. Eu acho que deveria ter algum trabalho para prevenir isso, né, daí acho que deveria ter um psicólogo para prevenir isso ai né (risos)...

E: (risos) É, então como seria a atuação desse psicólogo?

Luiz: Eu não sei como é...(risos),

E: Aqui na escola...aqui na escola não tem nenhum psicólogo escolar né...

Luiz: é aqui na escola né...

E: Então como seria a atuação desse psicólogo nessas situações de preconceito?

Luiz: Bom tem aluno que...é...algum problema que traz de casa, algum problema que né alguma...eu já percebo logo que tem uma, já estuda como trabalhar o problema, então a gente não estuda isso, a gente...a gente aprende a trabalhar com alunos teoricamente considerados normais né, então sem problema algum, mas tem caso de deficiência auditiva, deficiência visual, aluno com deficiência mental leve, déficit de atenção, então em algumas universidades não tem esse tipo de problemas, então a gente não tem esse preparo, a gente trabalha no dia-a-dia né, vai acostumando, pegando o jeito...o psicólogo já está mais preparado para esses problemas da psique né? Então eles podem ter uma estratégia melhor né...de como trabalhar isso aí com o aluno né...

E: E algumas pessoas se acham preconceituosas, outras acreditam que não existe nenhum tipo de preconceito nelas...e outras acham que todo mundo tem preconceito, na sua opinião, o que o senhor acha a respeito?

Luiz: É que nem você falou no começo, todo mundo tem preconceito, mas você tem que ter...você ver uma coisa, tipo isso aqui...voce ver uma chave, mas não é isso aqui pode ser uma disparafusadeira...então isso é ter um preconceito pensar que isso é uma chave. Mas você está discriminando isso? Não, então é diferente preconceito de discriminação, então preconceito todo mundo tem que ter, mas discriminação não. Acho que preconceito serve para prevenir a discriminação...mas o que fazem muito é misturar os dois conceitos, de maneira geral, se

pensa que preconceito é diferente de discriminação. Porque preconceito é um conceito prévio de determinado assunto, só isso que pode ser.

E: Certo, então o senhor gostaria de acrescentar mais alguma coisa? Que o senhor gostaria de citar?

Luiz: Acho que não, de maneira geral deu para falar de tudo que estava nas perguntas né...

E: Eu gostaria de agradecer a sua participação...obrigada

Luiz: eu que agradeço...o trabalho que vocês estão fazendo ai na escola né...

**Entrevista 3: Marta (nome fictício).**

E: Bom dia...

Marta: Bom dia.

E: Gostaria que você olhasse essas figuras e que você me dissesse o que você está vendo nessas imagens?

Marta: Parece-me que são jovens né, estudantes...

E: E a senhora gosta do que a senhora está ver nessas imagens?

Marta: Ah, não...algumas coisas não (risos)

E: Do que a senhora não gosta?

Marta: Por exemplo...esse daqui tão triste...esse daqui também ó...pensativo, sei lá preocupado.

E: algo mais a respeito dessas imagens aqui que a senhora gostaria de comentar?

Marta: esse rapaz aqui com muitos quilos né, na mochila...pesada demais.

E: E com relação a essa segunda imagem...o que senhora ver nisso?

Marta: Nessa segunda imagem eu vejo assim um certo preconceito...porque um pássaro é preto e o outro é colorido...um chamando e gay e o outro de gótico. É um deles de preto chamando o outro menor de gay.(risos). Aqui também é uma coisa fora de...de...do tradicional, digamos nem do tradicional, fora da convenção né, digamos assi, colocadas pela nossa cultura né. Casamento de homem com homem... que agora é permitido, mas que não é tão visto com bons olhos por todos, não é bem aceito por todos nessa sociedade.

E: E a senhora gosto do que a senhora ver nessas imagens?

Marta: Ah...não.

E: Porque a senhora não gosta?

Marta: Porque aquele pássaro lá um pensando mal do outro, tirando suas conclusões um do outro, um julgando o outro pela aparência né. E a questão do casamento entre dois homens aqui, eu não tenho preconceito, mas assim, é uma coisa que é uma escolha pessoal né, mas que eu respeito, mas que assim, foge do...do...dos padrões né.

E: Mas alguma coisa a senhora gostaria de falar a respeito dessas imagem?

Marta: eu vejo que... eu gosto dessas imagens aqui...onde eu vejo duas mãos dadas...mas os tipos de pessoas, várias raças, legal mesmo, muito interessante..

E: mas alguma coisa?

Marta: Essa aqui eu não entendi muito bem...é Jesus chorando?

E: Jesus chorando e ao lado uma bandeira colorida...uma passeata gay

Marta: Ah tá...é aos olhos de Deus isso aí já não é legal, vai contra os princípios bíblicos, né

E: E esse ultimo grupo de imagens para a senhora ver...o que a senhora ver nessas imagens?

Marta: ...não gosto desse primeiro grupo de imagens, que eu vejo aqui dois alunos tirando as muleta, vejo dois jovens tirando a muleta desse jovem, que precisa dela...né sacaneado digamos assim, no popular. E aqui eu vejo aluno...como todo professor tem a tendência de chamar de aluno né...e aqui eu vejo outro jovem bem maior, uma criança praticamente para bater, então é uma coisa assim já assim, não é de igual para igual...já é um ato de violência. E



aqui eu vejo uma imagem assim digamos eu acho que de Bullying...a criança esta aqui sozinha, o rapazinho, o menino...e um grupinho de aluno, de garotos lá atrás conversando, falando alguma coisa sobre ele.

E: Mais alguma coisa a senhora gostaria de acrescentar sobre essa imagem?

Marta: Eu acho que não é uma coisa legal, porque a gente tem que tentar combater bastante, não só no âmbito da escola mas de toda a sociedade.

E: A senhora consegue imaginar alguma forma de ajudar?

Marta: acho...assim, uma campanha mesmo, educativa, que acho que tem que começar de cedo, mostrando né, falando sobre essa questão do preconceito, as diferenças aqui, entender que nem todos são iguais né...que alguns tem deficiência, mas que nem por isso será melhor ou pior do que o outro. Torna pior.., então tem que ser trabalhada a inclusão social. Aqui a questão da violência, e a gente não sabe se esse jovem daqui devia pegar e fazer a mesma coisa com esse jovem que não é do tamanho dele...acho que então de certa forma ele é covarde né. E aqui essa questão do bullying né que ficou bem clara...que isso ai deve ser bem trabalhado, pode ser através de campanhas educativas.

E: Que possam amenizar essa situação?

Marta: Que pode amenizar essa situação.

E: Uhum... e com relação a essa ultima imagem, o que a senhora ver nessa imagem?

Marta: Bom...primeiro eu vejo uma jovem, acho que engenheira, com uma fita métrica na mão...acho que tentando mostrar com que ela trabalha, um dos instrumentos pelos quais ela

trabalha. Meio que uma propagando da sua profissão. Nessa segunda aqui...é uma pia... é um homem lavando louça?

E: É...falando ao telefone...

Marta: Eu acho que é uma coisa....que os homens devem fazer, acho que é uma obrigação deles, não é só para a mulher. E aqui eu vejo uma outra na cozinha... uma jovem, uma senhora, uma moça aqui na cozinha. Isso aqui é o que, uma panela?

E: Uma panela.

Marta: Parece que ta cozinhando né, ilustrando uma receita né...os instrumentos pelos quais elas estão trabalhando né...na cozinha né. Aqui também são dois jovens, no serviço né...tipo metalúrgica. Estão trabalhando. São pessoas nas diversas profissões...

E: A senhora gosta dessas imagens?

Marta: Eu gosto, não me desagrada não...essas pessoas parecem estar bem satisfeitas com que estão fazendo...ate mesmo o homem que está lavando louça. Talvez não seja a profissão dele, mas eles esta alí bem...

E: Mas alguma coisa que a senhora gostaria de acrescentar sobre essas imagens?

Marta: Não...

E: Muito obrigada...vamos passar para um segunda etapa dessa entrevista.

Marta: A senhora poderia me falar um pouco sobre o seu trabalho como professora nessa instituição?

E: Bom eu sou uma professora readaptada, eu não estou em sala de aula. Eu dava aula de matemática...e agora eu estou fora de sala de aula trabalhando no apoio a direção...

E: E de maneira geral como a senhora percebe o papel do professor em sala de aula?

Marta: olha o professor em sala de aula...na verdade papel do professor em sala de aula é o de orientador né, educador né, transmitir conhecimentos, e tentar provocar também o senso crítico, pesquisa no aluno, prepara-los para a vida né, de certa forma para o mercado de trabalho. Só que hoje em dia nós estamos exercendo muito mais que isso né...estamos sendo professores, pais...nossas atribuições estão indo além disso, do educacional, além do que nós deveríamos fazer.

E: Como a senhora percebe essa situação...como a senhora ver o professor nisso?

Marta: Olha na verdade é difícil....porque o professor com tantas atribuições ele já não consegue desenvolver tão bem o seu trabalho e não consegue ser aquela pessoa que tem...uma pessoa que deveria dar educação primordial, né, mas que cabe a família...existem certas orientações que a família quem tem que oferecer, e aí você tem que fazer dois papeis, o da família, dos pais, e aas vezes, ate de psicólogo, de conselheiro, e aí você acaba não fazendo o bem para nem uma delas, porque você fica sobrecarregado...e algumas dessas funções você não esta preparado para fazer, não é da sua ossada.

E: Vocês não tem esse preparo na graduação?

Marta: existe um preparo para você exercer outro papel,, é...no caso, o...orientador, o transmissor, aquele que irá transmitir o conhecimento, a estimular o aluno a pesquisa a ter esse conhecimento, e a gente não sabe de tudo. E aí quando você aprender com o aluno e ele aprender com você.

E: E como que era a divisão de trabalho em sala de aula, como você dividia as atividades de grupos em sala de aula?

Marta: trabalho? Eu procurava assim...em matemática os alunos tem mais dificuldades né...eu sabia quais eram esses alunos né, que tinham mais facilidade, aqueles que tinham menos facilidade, então eu procurava formar grupos de maneira que eles acabavam se entrosando. Então era alunos que tinham mais facilidade com os que tinham menos facilidade, em ajudar, para que um ajudasse o outro.

E: Então a separação era mais por dificuldades?

Marta: e as vezes eu deixava aleatoriamente...deixava as vezes por afinidade, porque essa afinidade existe entre eles.

E: Então qual a sua percepção de sala de aula? Como a senhora avaliava a sua relação em sala de aula?

Marta: Era uma relação saudável, boa, eu não tinha problemas. O problema era mais de conversas entre eles, e assim, a dificuldade, assim eu tinha um bom entrosamento com eles, uma...separação , ah, eu separava sim, mas eu queria um certo respeito, mas também dava liberdade para eles se entrosarem comigo, dava espaço para eles terem espaço comigo de igual para igual...também sabia ate onde poderia ter um limite.

E: Hum...como você lida com esses alunos que apresentam um comportamento culturalmente diferentes, por exemplo alunos que são considerados diferentes pela sociedade?

Marta: Como você quer dizer em termos de comportamentos? Ou de necessidades especiais de ensino?

E: diversos tipos de estilos?

Marta: Sempre procurei assim respeitar o estilo de cada um...sempre procurei respeitar o jeito de ser de cada um...desde que não ultrapasse o espaço do outro dentro de sala de aula, não atrapalhasse as minhas aulas, porque nós tínhamos momentos de muita atenção, muita concentração, e ...tentava negociar, e aqueles alunos mais inquietos eu sempre procurava negociar, vamos ver isso aqui...depois no final da aula eu dou um tempo para vocês, dou uma pausazinha porque matemática é uma matéria cansativa né...e...sempre procurei respeitar a maneira de ser de cada um para não atrapalhar, eu conversava com o aluno, tentava ter um diálogo com ele legal, mas a partir do momento que precisava chamar a atenção, eu sempre chamei, existe uma fase assim que eles tem muita dificuldade de se concentrar na aula....

E: E qual que é a sua postura diante de um aluno que esta sendo alvo de gozação, ou esta sendo injustiçado... em sala de aula?

Marta: Olha eu tentava conversar sempre...assim, minha postura era sempre conversar com a turma assim de maneira geral, porque eu acho que não era bem vistos, eu procurava conversar para o aluno se colocar no lugar da outra pessoa...do outro e a importância do respeito... e o que eu via que era mais assim..mais subjetivo, mais difícil, mas complicado eu levava para a orientação educacional para eles tentarem resolver juntos.

E: E como a senhora se sentia diante disto?

Marta: Ah eu não me sentia muito bem não...olha vou te dizer que em certos momentos a gente chega a ficar sem reação, porque o aluno te cobra uma postura, e existe umas situações as vezes que você chega a ficar assim, sem saber o que fazer né na hora, é muito difícil.

E: Então como a senhora acredita que seria o papel da escola frente ao preconceito?

Marta: seria assim o de tentar resolver assim o papel da escola, é o de ajudar a resolver...mas isso já tem que ser trabalhado a partir de casa, uma educação iniciada pela família né, a questão dos valores né...de preconceito, e assim a escola tem um papel importantíssimo, tem que trabalhar essas questões de valores, de preconceitos, de diferenças sociais, diferença raciais, religiosas. Assim, a escola tem que ser um...tem que trabalhar um, de forma assim, de que você tem que ter uma boa aceitação da família, a família tem que estar junto da gente...a escola não pode fazer esse papel sozinha, ela necessita da família né...

E: Então existem umas pessoas que se julgam preconceituosas e outras que dizem não ser preconceituosa, na sua opinião...o que a senhora pensa a respeito disso...como a senhora se posiciona?

Marta: Eu me considero...na verdade na verdade, a maioria das pessoas se consideram..se dizem não ser preconceituosas, mas existem pontos que, alguns pontos que você acaba sendo preconceituoso, nisso eu me incluo...eu sou assim, na maioria das vezes eu não me considero preconceituosa, mas eu não sei por exemplo...sabe...existem coisas que só passando por elas, não sei, eu não posso dizer que eu sou totalmente sem preconceitos.

E: Então essa instituição aqui não existe um psicólogo, mas qual que seria então o papel do psicólogo escolar nessa instituição?

Marta: seria importante, para trabalhar exatamente essas diferenças, esses assuntos assim de preconceito, de comportamento...porque tem jovens que são meio desorientados...essa dificuldade já vem de casa, de se relacionar, algumas características que ele apresenta, várias características que eles trazem de casa...então acho que o psicólogo seria importante para detectar esses problemas e trabalhar, porque o orientador educacional não consegue fazer isso,

mas acho que o psicólogo vai identificar a maneira certa de tentar resolver o problema né, de sanar esses problemas.

E: A senhora gostaria de acrescentar mais alguma coisa?

Marta: ah...não...

E: Eu gostaria de agradecer...

Marta: Por nada...eu que estou enferrujada, longe de sala de aula (risos).

#### **Entrevista 04.**

E: Bom dia!

Rosa: Bom dia...

E: Eu vou lhe apresentar alguns um quadro com algumas imagens e eu gostaria que a senhora me falasse o que a senhora ver nessa imagem?

Rosa: três pessoas numa fila...dois adolescentes um perto um do outro, segurando na mão...aqui eu tenho um adulto e uma criança triste né...e aqui um estudante com um bando de materiais...

E: A senhora gosta do que ver nessa imagem?

Rosa: aqui, nessa aqui não vi nada de mais, aqui é chato, é triste, tá triste com algum problema, ele com alguma coisa de escola e outro aqui com alguma questão financeira. E essas duas aqui de baixo não me agradaram.

E: uhum...não te agradaram? Porque não te agradaram?

Rosa: porque você ver uma pessoa triste, preocupada né...questões financeiras, questões de escola, né são os problemas do dia a dia, né que ninguém está livre disso. E assim...é...eu sou do tipo de pessoa que se não preocupa com quantidade seja qualidade, eu não sou a favor de massacre de conteúdo no aluno, eu prefiro a qualidade do que a quantidade...porque assim, você massacra o aluno com o um conteúdo, pra poder dizer que você deu, você colocar o seu filho na escola pra dizer que ele aprendeu tudo...ele deixa muitas vezes de viver aquilo... acho que não tem que ser aquela coisa maçante, até mesmo para o adolescente, o menino chega em casa já para estudar e não ter um momento de descanso.



E: E o que a senhora ver nessas quatro imagens aqui?

Rosa: aqui... tá bem difícil, tô vendo duas crianças...alias varias crianças, aqui são duas mulheres? Aqui dois homens...e aqui uma criança clara e a outra negra né...é aqui é uma rotulação né...gótico chamando o outro de gay, né pensando no outro...aqui uma relação homoafetiva, e aqui Jesus e uma faixa...acho que uma parada gay né...

E: Você gosta do que você ver nessas imagens?

Rosa: olha é uma realidade que esta aí né...você chegar para mim e eu dizer que eu acho, natural, eu acho porque eu sou muito religiosa...mas eu acho que cada um sabe o que sente, cada um vive da forma vive como sente...e a gente tem que respeitar isso. Não é porque eu acho que , não é porque eu não considero uma coisa natural que eu vou desrespeitar a pessoa ne...eu tenho amigos homossexuais e os amo do mesmo jeito...eles sabem o que eu penso, e a gente se entende porque eles sabem que eu respeito. Né e eu tenho amigos que vão na minha casa que tem namorado, mas eu respeito assim eu os amo do mesmo jeito, eles sabem que eu os respeito. Agora uma das coisas que eu falo muito é que existe a homossexualidade e também existe a promiscuidade, conheço casais homossexuais que se respeitam em tudo e eles não ficam tentando impor a sua opinião nas pessoas. Agora tem umas pessoas que dizem que você tem que experimentar...experimentar o que, se eu não tenho atração pelo mesmo sexo...mas é o que eu acho que acontece com muitos adolescentes...muitos vão com essa de experimentar saber como é que é...porque as pessoas pregam isso, e a gente teve muitos casos de pessoas aqui que experimentaram e hoje estão casadas...ai dizem ah professora..ah gente isso tudo é fase...mas é porque não teve maturidade né.

E:E para encerrar esse grupo de imagens eu gostaria de apresentar essas figuras aqui e eu gostaria que você me falasse um pouco sobre que você ver nessas imagens?

Rosa: bullying mesmo né...a tristeza da repreensão entre os adolescentes, das crianças, a questão da...dá, o que eu posso dizer...de não aceitar o outro como ele é e achar que todo mundo tem que pensar do jeito que eles querem...então assim quando as pessoas tem, são diferentes, eles não sabem lidar com aquelas diferenças, então é triste.

E: E a senhora gosta do que esta vendo nessa imagem?

Rosa: Não.

E: Porque?

Rosa: Porque aqui só tem violência, né, aqui tem violência, aqui também tem violência...quando tem um grupo de crianças falando de outras crianças não deixa de ser um ato de violência, numa agressão física, aqui mostra uma violência psicológica...então assim...é muito triste e assim...isso começa desde a infância. Porque, quando uma criança é diferente e os pais vem que esse amiguinho é diferente, eles não trabalham com os filhos, são raros os que trabalham...pra aceitar, por exemplo eu vejo muito isso na escola do meu filho, porque se um aluno esta dando trabalho, é...não deixa ele pra lá...não é deixar ele pra lá, é chamar ele para cá, é acolher esse aluno, porque se a gente tem problemas e não sabe lidar, imagine uma criança. E muitas das vezes os pais falam não fique perto desse menino. E isso é muito triste, meu filho passou por isso...eu eu fiquei assim, olhando e falei gente ele é uma criança...como é que pode né...na escola do meu filho tem alunos que dão trabalho,, ai meu filho vai lá e diz amigo não fica assim não...meu filho tem um outro comportamento, os próprios professores vem e falam... e muitos pais não acreditam nisso, não acreditam que seus filhos são capazes de fazer maldade com outra criança, meu filho não é capaz de maltratar outra criança...isso é muito triste, crescendo assim, essa criança vai se transformar num adolescente mais agressivo ainda, e um adulto cheio de preconceito e intolerância...

E: Hum...e diante dessa imagem, o que a senhora ver?

Rosa: Bom o que eu to vendo é...aqui é o que uma mulher na cozinha?

E: Sim...

Rosa: Ah sim, é, preconceito, digo aqui que o preconceito é uma questão cultural...né, que a mulher tem que ir para a cozinha e o homem não...é a mulher tem que fazer apenas aquilo que é feminino, que dizem ser feminino né...meu marido é muito machista para muito aspectos...mas para outros não...lá em casa ele me ajuda, minha filha tem quatro anos e eu não preciso chamar para me ajudar, ela diz mãe deixa eu ajudar a senhora... e hoje você já tem determinadas funções que as pessoas já olham como sendo, como eu fiz magistério, na escola que eu fiz tinha muita mulher, e todo rapaz que se matriculava o povo já achava que era gay...e não eram...os que eu conheci foram pouquíssimos, e da mesma forma, quando chega uma mulher que vai para um campo em que predomina o masculino, eles até acham que elas não serão capazes de fazer, e elas mostram que são até mais capazes que eles, então, um estímulo para elas né, tanto para elas como para os homens que tem que ter muita personalidade para ter aquele ambiente...uns levam assim para o lado de que tô no meio da mulherada então vou aproveitar, uns faziam isso, outros não...eles na turma ficavam mais reprimidos e desistiam, entendeu?

E: a senhora gosta do que ver?

Rosa: Ah não...eu acho interessante todo mundo fazer o que gosta, e essa questão doméstica, todo mundo precisa, porque vora num lugar sozinha, vai ter sempre que precisar das pessoas, ter alguém para fazer, pagar alguém para fazer? Né porque mão de obra doméstica hoje em dia é muito difícil, e eu acho que não em nada para fazer.

E: Vamos passar para um segunda parte da entrevista...vou fazer algumas perguntas...Como que é o seu trabalho como professora, como que era ne...

Rosa: eu trabalhava, eu era professora de 1ª a 4ª hoje eu sou apoio...

E: e nessa instituição a senhora faz o quê?

Rosa: Nesta aqui eu sou apoio, então onde precisa de mim eu dou apoio...minhas turmas sempre foram de cidades carentes...trabalhei em zona rural e assim...a questão de carência afetiva era muito grande , a agressividades era muito forte a gente tinha que trabalhar muito isso...aqui eu trabalhei muito na sala de apoio, de leitura...só que aqui eu acho que eu me envolvi menos porque eles não eram meus alunos.

E: De maneira geral como a senhora percebe o papel do professor em sala de aula?

Rosa: Olha o professor em vários papéis, de professor, de pai, de mãe, de polícia, de psicólogo, de tudo, porque todos os problemas que os alunos apresentam vem de casa. Entendeu, e reflete no comportamento dos meninos. Então eu sempre trabalhei com uma turma só. Aqui não, o professor trabalho com seis turmas diferente, então o tempo dele e mais para desenvolver conteúdo mas a vezes ele consegue perceber as questões dos alunos, dependendo da afinidade com o aluno né...mas o papel dele é muito legal.

E: então como você lida ou lidava com alunos que apresentavam comportamentos diferentes?

Rosa: A primeira coisa que eu sempre acho...é que eu sempre fui muito mãezona dos meus alunos né...eu sempre...eu ao mesmo tempo em que eu era muito rigorosa, eu sempre, eu sabia que tinha que cobrar comportamento, conteúdo, eu sempre acolhi muito os meus alunos ne então eu sempre peguei a vida toda, a escola sempre meu deu as piores turmas para eu acolher, os professores sempre pegavam os piores alunos de cada turma e colocavam na

minha turma. Eu não tinha como falar não, porque eu via que eles precisavam e comigo eu via que eles pareciam desenvolver, para fazer todos os tipos de avaliações de cuidado para avaliarem...eu percebia que aqueles alunos, eu tinha o cuidado de dar o conteúdo certo, de cobrar no tempo certo né...então assim, tinha momentos que eles estavam irritadíssimos, eu falava senta aí depois a gente conversa...não adiantava falar do jeitos que eles estavam, com problemas com drogas, de agressão, de fome, né problema de cansaço, eu não podia cobrar isso deles naquele momento né...eu tinha que ter muita sensibilidade para mexer com isso...agora eu me sentia muito frustrada porque eu estudei muita psicologia, muita pedagogia, mas eu não sabia lidar com aqueles alunos, que tinham algum problema de dificuldade de aprendizagem... aí depois que eu estudei sobre isso, que eu pude entender como fazer, mas aí já era tarde eu já estava fora de sala, aí não pude fazer muito.

E: Há quantos anos a senhora esta fora de sala de aula?

Rosa: é...onze anos.

E: E como você separava as atividades em sala de aula, os grupos né?

Rosa: eu sempre separei por grau....é por nível de...é....em português e matemática eu separava mais por níveis...porque aquele aluno que estava aquém da turma, eu trabalhava com eles a coisas que eles sabiam...assim eles não se sentiam menos, não deixavam de fazer aquilo que foi pedido...e aí os alunos que estavam num nível bom eu ia aprofundando em conteúdos, graças a deus eu consegui um nível de aprovação bom.

E: Como é que você se sentia diante de situações em sala de aula em que um aluno fazia gozações com outro?

Rosa: Eu me sentia péssima, porque eu via que o aluno ficava magoado, porque assim, adolescente se magoa por qualquer coisa né, eu tenho filho e eu não aceito, meu filho é uma criança e na escola que ele estava tinha uns meninos que tinham um preconceito racial né...e aí chegou um menino negro na sala e meu filho falou mãe eu não vou brincar com fulano...ai eu disse, por quê? Ah mãe porque eu não gosto da cor dele...mas meu filho, eu sou negra...não sou negra neguinha porque é uma misturada, meu pai é, meus parentes são...as vezes você se sente impotente, mas você precisa tomar uma atitude né, e as vezes você não sabe que atitude tomar, mas tem que tomar...no momento em que eu não sabia o que fazer eu puxava para o outro lado, senão você acaba extrapolando e sendo mais ignorante que os alunos...temos que entender que eles tem culturas e famílias diferentes.

E: Bom...existem umas pessoas que não se percebem preconceituosas, outras que dizem não ser preconceituosas, outras que não tem preconceitos....o quê que a senhora acha?

Rosa: ah eu acho que quem fala que...assim, tem muita gente que não é...mas tem muita gente que é e que não aceita que é...se você chegar e falar assim...eu lembro que tinha uma amiga que dava aula para uns irmãos que eram bem negros assim que ...mas eram bem bonitinhos, mas que ela falava assim, eles são “negrinhos mas são limpinhos”, aí eu olhava assim e dizia, hã o quê que tem haver? Mas aí conversando com ela eu me lembrei que ela morava numa rua, a gente era amigas de infância, e que tinha uma família que era negra que era bem sujinha...ai eu falei, sim mas você não pode falar dessa forma aí... aí ela falou não mas eu não sou preconceituosa, mas sim, quando você faz um comentário desses, você está achando que todo negro é sujo, e não é isso...aí quando foi um dia desses, acho que um mês...eu encontrei com ela, ela tava com uma menina negrinha bonita, aí eu disse olha quem é essa menina bonita que está com você? Aí ela disse, deixa eu te apresentar a minha nora, sua nora? Aí ela disse, ah é a namorada do meu filho...aí a menina saiu e ela disse, não é linda? Eu disse, ela é

linda mesmo...ai entra aquela questão né, de que todo negro tem que ser perfeito, mas existem alguns negros muito bonitos e outros não assim como tem muitos brancos desse jeito...eu acho que ela leva muito para esse lado da beleza, dos traços...e aí é o preconceito né...a questão quando eu falo assim, dos homossexuais, porque assim, eu aceito, mas tem a minha questão religiosa, e olho assim, gente deus criou o homem e a mulher...entendeu, mas é aquela coisa, porque em sentimentos ninguém manda né...existem, tem sentimentos as pessoas que eu conheço que são homossexuais elas tem sentimento, e quando elas se envolvem com outras pessoas do mesmo sexo você ver que é algo além do corpo, além do sexo, tem sentimentos, e assim, eu não consigo falar e eu vejo a bíblia e estudo e não acho que...existem pessoas que dão outra interpretação mas eu não vejo dessa forma, ah você tem preconceito, eu tenho esse preconceito, porque para mim é o homem e a mulher e pronto, todos nós temos um pouco de preconceitos.

E: Qual seria então o papel da escola frente ao preconceito?

Rosa: eu acho que preconceito vai ter, vai, acho que temos que ensinar os alunos a respeitar as opções de cada um...né, porque eu não sou obrigada a achar isso natural, mas eu sou obrigada sim, a respeitar...o próximo, e assim, não é porque eu não aceito que...eu acho assim existem coisas na nossas vidas que a gente não aceita, de outra pessoa, por exemplo eu não aceito que um filho explore seu pai, tipo, já adulto, eu acho isso inadmissível...mas eu tenho que respeitar ele...acho que o que falta nas pessoas é o amor, a tolerância...

E: Na sua opinião como aqui na escola não possui psicólogo escolar como você acha que deveria o papel de um psicólogo escolar aqui na escola?

Rosa: Olha...eu acho que o psicólogo escolar tem o papel de conversar com os alunos, de esclarecer, porque existem alguns alunos que vivenciam coisas que não são coisas que eles

vivenciam porque eles querem...mas é por um modismo, ai todo mundo quer ser...outro dia eu estava passando e vi uma aluna chorando, ai eu perguntei ai me disseram que ela tinha terminado com o namorado dela,, ai disse que a gente chora tanto por essas criaturas que a gente namora, e aí quando a gente encontra o verdadeiro amor da nossa vida a gente fica falando ai meu deus eu desperdicei minhas lágrimas por isso...isso passa...mas a pessoa que tá naquele momento assim né, e ela tem que vivenciar, não adianta você falar que aquilo vai passar...e eu acho que o psicólogo esta aí para isso, para conversar e mostrar o outro lado, se a mãe fala, ela acha que não...o amigo fala, ai ele não ver que o amigo quer ajudar, ai pensa que o amigo pegou implicância...tem certas coisas que não adianta você conversar, por isso eu acho que o psicólogo ele...pelo pouco que eu conheço alguns eles sabem chegar nas pessoas de uma forma imparcial, que a pessoa não sinta que ele está contra ela. Mas ele esta mostrando outro lado, e ele realmente não impõe, pelo que eu vejo...ele faz muito a pessoa pensar, refletir sobre a vida, eu vejo muita gente que procurou um psicólogo que mudou completamente...que pessoas que eu nunca pensei que iriam mudar e mudaram...porque elas começaram a olhar pelo outro lado, eu acho que é isso, o psicólogo tem muito desse papel, eu acho que aqui na escola seria muito importante, né tem essa questão do psicólogo, o orientador as vezes não consegue cumprir esse papel, mas ele vai mais pra esse lado de ouvir, e acolher o aluno...tem a questão ética toda né...e isso assim, essa questão de sigilo é muito importante com adolescentes né...tem que ter muito jogo de cintura, e eu acho que o psicólogo tem isso, do que o orientador...

E: Para a gente encerrar eu gostaria de saber se você quer acrescentar mais alguma coisa?

Rosa: É eu ficaria mais feliz se o governo olhasse para a educação, acho que é isso!

E: Obrigada.



**Entrevista 5. Daniel: professor de história (nome fictício).**

E: Eu tenho dois quadros de imagens e gostaria que o senhor dissesse o que o senhor ver nessas imagens e se o senhor gosta ou não?

Daniel: Ah eu gosto dessa imagem.

E: Porque o senhor gosta dessa imagem?

Daniel: Ah eu acho, porque harmonia, carinho, afeto, ou uma amizade, aqui me parece dois casais de namorados...eu preciso explicar as outras ou não?

E: Fique à vontade.

Daniel: essa aqui eu não gostei, porque está carregando muito peso né, porque se não fosse por isso eu iria gostar...e essa aqui tá meio confusa, parece que tem uma pessoa pensando em dinheiro, outra pensando em uma prova né...mas assim são caras tristonhas, carinhas tristes. Essa aqui não me diz nada, parece uma fila né,

E: Nessas imagens aqui? O quê que o senhor pensa a respeito dessas imagens?

Daniel: eu acho super bacana, normal....

E: O senhor gosta do que vê?

Daniel: olha dessa eu gosto, gosto da passeata também, gosto de Deus, aqui tem uniões, acho bacana...dos sexos né...aqui é gótico e aqui é...gay? é isso?

E: É o que está escrito...

Daniel: é aqui eu acho que só lamento o preconceito deles, né...

E: E nessas últimas imagens aqui? O que o senhor pensa?

Daniel: violência, violência, abomino violência...o que é isso aqui, e bullying? Também abomino o bullying...aqui é uma mulher eu acho que engenheira, né trabalhando, aqui ne parece um homem na cozinha, um cozinheiro, bacana...aqui é uma mulher na cozinha nos anos 50 né...e aqui vejo dois adolescentes trabalhando, fazendo o que trabalhando? Eu acho normal né, a mulher trabalhando fora, o homem na cozinha, esse modelo é o modelo idealizado né de mulher...dos anos 50 né...as revistas mostravam assim, a dona do lar...e assim isso representou uma época que não mais diz respeito hoje..pra aquela época era boa né...

E: Você tem mais alguma coisa que gostaria de falar a respeito dessas imagens?

Daniel: não eles estão trabalhando aqui concentrados né...não, eles estão com os fones de ouvidos, acho que aqui é uma madeira,

E: Obrigada por responder essa etapa aqui...agora vamos para a segunda parte ok?

E: O senhor poderia me falar como que é o seu trabalho como professor desta instituição?

Daniel: Otimo. Excelente, adoro os alunos, gosto de dar aulas a noite, sou professor de história, para a educação de jovens e adultos, adoro da aulas para eles, estou muito feliz.

E: De maneira geral como o senhor percebe o papel do professor?

Daniel: eu acho que ele é fundamental dentro da sociedade né, assim, a gente não tem mais a pretensão de que vai mudar o mundo, que vai atingir todos os alunos, mas sempre tem aquela perspectiva de que vai atingir alguns né, que vai da aquele clique, porque a gente não ensina nada, a gente só orienta os alunos e espera que ele desperte interesse mais em aprender, no caso de história, se um aluno fala comigo algo sobre história, eu ...ele pode gostar da matéria assim de antemão, ele pode ter construído, por um colega meu daquela forma, para que ele se

interesse por aquela matéria que eu gosto...não historia, mas assim, de todas as matérias de humanas que eu gosto...

E: Como são divididas as atividades em sala de aula?

Daniel: Como eu dou aula no noturno, temos seis meses, então nós temos aulas de história duas vezes por semana que são expositivas e com leituras.

E: Vocês trabalham em grupo?

Daniel: Não porque a gente tem pouco tempo. E esses seis meses não são seis meses, porque começa tarde e termina mais cedo.

E: E como é que o senhor avalia a sua relação com os alunos?

Daniel: eu considero boa, até mesmo porque eu hoje considero que a minha relação com alunos a nossa relação pessoal vai ser mais importante que o conhecimento...porque assim a gente tem muitos alunos que vem de fora né...tentar a vida né...pelos próprios trabalhos que eles tem, eles são discriminados...então, assim, o que eu tenho feito, as coisas surgem por acaso, eu tô assim organizando, quando alguém faz aniversário aquele dia...ai eu combino com a turma a gente faz um bolo, canta um parabéns, compra um salgadinho e tira foto...eu acho que eles gostam disso..

E: Como o senhor lida com aqueles alunos em sala de aula que apresentam comportamentos diferentes, inadequado em sala de aula?

Daniel: olha uma coisa que me incomoda é a falta de educação, quanto a educação, eu digo a educação que é aprendido em sala de aula, muito deles tem essa opção, falta de educação porque nunca tiveram isso... eu sempre procuro saber, é , quando tem preconceito

sabe...quando tem muito machismo, né que você tem nesse pessoal né, que tem pouca formação né, que vivem né, em poucos casos, mas ainda existe muito machismo ainda, né, gostam de tratar as mulheres como objetos né...ai eu sempre procuro barrar este tipo de coisas que eu acho que não está certo. Embora o conceito de certo não exista né, isto nos meus parâmetros. A educação que não procuro, ser por si só, ser preconceituoso, ser racista, ser homofóbico,

E: e como o senhor lida com algum aluno que está sendo alvo de alguma gozação dentro de sala de aula?

Daniel: ah...eu dizer que eu não permito é algo muito forte né,mas eu faço de tudo ao meu alcance para amenizar essa situação.

E: como o senhor se sente nessas situações?

Daniel: Irritado! São duas coisas que me irritam...tratar as pessoas mal e ver uma criança faminta. Assim, desnutrida, passando fome, isso me toca muito. Outras violências me tocam, mas com menos impacto.

E: E quais as suas estratégias o senhor utiliza em sala de aula para trabalhar com isso, com essas questões, com essas questões?

Daniel: Quando elas aparecem, ou até mesmo de forma preventiva, eu fico falando nisso, dependendo da situação de como a sociedade está, da necessidade de a gente ter tolerância, de saber não gostar, não é assim, não gostar, é...não precisa gostar, mas precisa ter respeito. Tem que entender as diferenças, porque acho que o grande problema das pessoas é esse, de algumas pessoas é claro, elas se enquadram em modelos que tudo que é diferente daquele modelo é agressivo, é...é... e lógico como eu lido com adultos a gente acaba lógico fazendo umas

brincadeirinhas, algumas piadinhas em função disso, por exemplo assim, ah sei lá...não não vai me ocorrer nada agora... como são adultos eu não posso ter uma linguagem que eu tenho com uma criança de quinta série...a abordagem é mais sutil, é mais leve.

E: Na sua opinião, então qual seria o papel da escola frente ao preconceito?

Daniel: Esclarecimento e incentivar a tolerância, eu acho que o caminho é esse. Eu acho assim, que tanto na relação diária, quanto no exemplo, porque se eu to em sala de aula e to fazendo piadinhas de homossexual o tempo todo, como é que eu vou ter autoridade para reprimir um ato se eu to fazendo piada? Então eu acho assim, a primeira coisa é você como exemplo, não que o professor seja referência, mas assim é um exemplo por causa do convívio, e se a escola, em seu plano político pedagógico ela pode preparar projetos para o esclarecimento né, porque quanto mais esclarecimento melhor, isso não que dizer que só o esclarecimento basta, mas porque a gente sabe, todo mundo sabe como se contrai AIDS, e nós temos adolescentes grávidas, então assim, elas tiveram o conhecimento mas não internalizaram, mas se a gente faz campanha, se a gente esclarece, e se consegue internalizar esse conhecimento a gente consegue alcançar.

E: existem algumas pessoas que se consideram preconceituosas, outras que não se consideram preconceituosas, e outras que dizem que todos nós temos preconceitos, o que o senhor acha?

Daniel: eu acho que todos nós temos preconceitos, em várias escalas, de maior ao menor grau. Assim você tem os preconceitos, aí você identifica que tem e aí você vai tentar barra-lo, porque nós estamos numa sociedade, nós aprendemos tudo desde de criança...então tipo assim, é impossível você não tem nenhum tipo de posicionamento frente a alguma coisa. Não existem pessoas imparciais, mas o importante é você saber que tem o preconceito e lutar contra ele...eu acho que a idéia é essa de todo mundo. Mas cada um tem seu momento, é o que

a gente aprende também...as pessoas tem momentos diferentes, então assim, se você não estiver pronta para ouvir uma coisa que vou dizer para você agora, não adianta insistir, agora quem sabe daqui a um ano, quem sabe daqui a dois anos você possa estar mais receptivo a isso, então não adianta forçar as coisas. Principalmente com adolescente, não adianta forçar.

E: Bom, como aqui na escola não existe um psicólogo escolar, eu gostaria de saber então qual seria o papel de um psicólogo escolar?

Daniel: psicólogo escolar é um psicólogo que trabalha na escola é isso? Que tem especialidade na educação? Eu acho fundamental, todo mundo precisa ter esse espaço para discutir, todo mundo precisa dessa ajuda desse profissional né, pra ajudá-lo mesmo né, tanto uma pessoa adulta, e principalmente uma pessoa que está em formação, então assim, eu acho fundamental ele ter alguém que ele possa confiar né, possa conversar e ser bem orientado.

E: Então é, eu gostaria de perguntar se o senhor gostaria de acrescentar mais alguma coisa?

Daniel: Não, não precisa não, eu acho que está tudo tranquilo.

E: Então eu gostaria de agradecer ao senhor pela oportunidade de conversarmos. Obrigada!

**ANEXO 5: TERMO DE APROVAÇÃO DE PESQUISA POR PARTE DO CEP-  
UNICEUB.**